



Universidades Lusíada

Lopes, Raquel Maria Gameiro, 1986-

A cidade enquanto ferramenta política : os usos do espaço público

<http://hdl.handle.net/11067/5208>

Metadados

Data de Publicação

2020

Resumo

Pretende-se com a presente dissertação de Mestrado fazer uma leitura do espaço urbano ao longo de diferentes eras da cultura ocidental, estabelecendo a relação entre espaço, controlo e poder. É analisada a importância das duas Grandes Guerras e movimentos de revolução sociais e artísticos, que viriam a despoletar a alteração dos paradigmas metodológicos de pensamento e concepção do espaço urbano. A dissertação promove a apropriação intuitiva e criativa dos espaços públicos urbanos, através da ab...

By looking at the interaction between space, control, and power, this master's thesis intends to contribute to a better understanding of the recent evolution of urban spaces in the West. Special attention is paid to the two Great Wars, and to the avant-garde social and cultural movements of the twentieth century, that would later trigger the alteration of methodological, thought and conception paradigms of urban space. This work also wishes to promote a creative appropriation of public space, by...

Palavras Chave

Planeamento urbano - Aspectos políticos, Planeamento urbano - Participação do cidadão, Espaços públicos, Movimento moderno (Arquitectura)

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:28:22Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES
Mestrado Integrado em Arquitetura

**A cidade enquanto ferramenta política:
os usos do espaço público**

Realizado por:
Raquel Maria Gameiro Lopes

Orientado por:
Prof.^a Doutora Arqt.^a Maria João dos Reis Moreira Soares

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor Horácio Manuel Pereira Bonifácio
Orientadora: Prof.^a Doutora Arqt.^a Maria João dos Reis Moreira Soares
Arguente: Prof. Doutor Arqt. Bernardo d'Orey Manoel

Dissertação aprovada em: 14 de fevereiro de 2020

Lisboa

2019



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado Integrado em Arquitetura

A cidade enquanto ferramenta política:
os usos do espaço público

Raquel Maria Gameiro Lopes

Lisboa

novembro 2019



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

FACULDADE DE ARQUITETURA E ARTES

Mestrado Integrado em Arquitetura

A cidade enquanto ferramenta política:
os usos do espaço público

Raquel Maria Gameiro Lopes

Lisboa

novembro 2019

Raquel Maria Gameiro Lopes

A cidade enquanto ferramenta política: os usos do espaço público

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Orientadora: Prof.^a Doutora Arqt.^a Maria João dos Reis
Moreira Soares

Co-orientador: Prof. Doutor Arqt. Carlos Manuel
Lampreia da Silva

Lisboa

novembro 2019

Ficha Técnica

Autora Raquel Maria Gameiro Lopes
Orientadora Prof.^a Doutora Arqt.^a Maria João dos Reis Moreira Soares
C-orientador Prof. Doutor Arqt. Carlos Manuel Lampreia da Silva
Título A cidade enquanto ferramenta política: os usos do espaço público
Local Lisboa
Ano 2019

Mediateca da Universidade Lusíada - Catalogação na Publicação

LOPES, Raquel Maria Gameiro, 1986-

A cidade enquanto ferramenta política : os usos do espaço público / Raquel Maria Gameiro Lopes ; orientado por Maria João dos Reis Moreira Soares, Carlos Manuel Lampreia da Silva. - Lisboa : [s.n.], 2019. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada.

I - SOARES, Maria João dos Reis Moreira, 1964-

II - SILVA, Carlos Manuel Lampreia da, 1964-

LCSH

1. Planeamento urbano - Aspetos políticos
2. Planeamento urbano - Participação do cidadão
3. Espaços públicos
4. Movimento moderno (Arquitetura)
5. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. City planning - Political aspects
2. City planning - Citizen participation
3. Public spaces
4. Modern movement (Architecture)
5. Universidade Lusíada. Faculdade de Arquitetura e Artes - Dissertations
6. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. NA9050.L67 2019

À minha família, pela educação e liberdade.
Aos meus amigos, pelo apoio, paciência e
entusiasmo. E a todos os que me ouviram, e,
principalmente, aos que se empolgaram.

AGRADECIMENTOS

Quero começar por agradecer à minha família por me ter possibilitado, desde cedo, o contacto com as artes e um percurso pontuado pela liberdade e a todos os amigos que me apoiaram e que, de uma forma ou outra, me inspiraram. Não querendo particularizar, devo apresentar um grande *salut* ao João Ayton, pela possibilidade de utilizar a sua biblioteca situacionista, e ao Rui Matoso, pela generosa partilha dos seus textos e intelecto.

Gostaria de agradecer a todos os todos os professores que marcaram o meu percurso, querendo destacar as aulas de projecto dos professores João Antunes e Carlos Lampreia e os seminários de especialização organizados pela professora Alexandra Paio, onde fui colocada em contato com novas metodologias e abordagens que expressam o cívico intrínseco à prática de arquitetura.

Agradeço à Dra. Catarina a preciosa ajuda que me permitiu finalizar o trabalho, e, finalmente, à minha orientadora, Maria João Soares, pela sapiência e condução.

“Instead of the unpleasantness of dirt and confusion, now we have to contend with the boredom of hygiene.

The material slum has disappeared, but what has taken its place? Miles and miles of organized nowhere and no one has the feeling anymore of being someone who lives anywhere.” Aldo van Eyck

APRESENTAÇÃO

A cidade enquanto ferramenta política: os usos do espaço público

Raquel Maria Gameiro Lopes

Pretende-se com a presente dissertação de Mestrado fazer uma leitura do espaço urbano ao longo de diferentes eras da cultura ocidental, estabelecendo a relação entre espaço, controlo e poder. É analisada a importância das duas Grandes Guerras e movimentos de revolução sociais e artísticos, que viriam a despoletar a alteração dos paradigmas metodológicos de pensamento e concepção do espaço urbano.

A dissertação promove a apropriação intuitiva e criativa dos espaços públicos urbanos, através da abertura dos processos políticos e de decisão, convocando a participação da sociedade civil para o debate e processos de planeamento e intervenção.

São apresentados exemplos práticos de processos e projetos que, a nosso ver, contribuem para a fundamentação do trabalho e postura metodológica defendida: projetos de mapeamento coletivo – com função operativa e dimensão imaterial, tornando as práticas de mapeamento uma ferramenta de trabalho ou um fim em si; processos participativos – através da abertura das metodologias de projeto à multidisciplinaridade e à participação cidadã; ferramentas políticas – projetos desenvolvidos para a solução de questões particulares de um lugar a partir do encontro de possibilidade de ação dentro de um quadro legal; projetos artísticos de intervenção no espaço público – práticas de intervenção no espaço público, que contribuem para a desconstrução das noções de espaço público e dos tipos de utilização, possibilitando uma visão não normativa sobre as possibilidades do ambiente urbano.

Palavras-chave: arquitetura, planeamento urbano, apropriação, espaço público, processos participativos

PRESENTATION

The city as a political tool: the uses of public space

Raquel Maria Gameiro Lopes

By looking at the interaction between space, control, and power, this master's thesis intends to contribute to a better understanding of the recent evolution of urban spaces in the West. Special attention is paid to the two Great Wars, and to the avant-garde social and cultural movements of the twentieth century, that would later trigger the alteration of methodological, thought and conception paradigms of urban space.

This work also wishes to promote a creative appropriation of public space, by emphasizing the importance of community input into urban planning and intervention projects. Case-studies that illustrate this thesis will be presented throughout, and can be grouped under the following categories: Collective mapping projects - with an operational function and imaterial dimension, turning the mapping practices into a work tool or an end result by themselves; Participative processes - by opening the project methodologies to multidisciplinary and citizen participation; political tools - projects developed for the resolution of site-specific issues starting from the action courses available from the legislative framing; artistic projects for public space intervention - Public space intervention, contributing to the deconstruction of public space concepts and its types of usage, facilitating a non-normative vision on the possibilities of the urban environment.

Keywords: architecture, urban planning, appropriation, public space, participatory processes

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - <i>The Fight Between Carnival and Lent</i> , de Pieter Bruegel, the Elder, 1559 (Wikiart, 2019)	27
Ilustração 2 - Destruição de Paris durante a implementação dos planos de Haussman. (Combis, 2019).....	30
Ilustração 3 – “Ville Contemporaine pour Trois Millions d'Habitants”, Le Corbusier, 1922. (Wolfe, 2014).....	43
Ilustração 4 – <i>Vertical city</i> , Ludwig Hilberseimer, 1924, p.125, <i>Metropolisarchitecture & selected Essays</i> – Ludwig Hilberseimer	44
Ilustração 5 – Cena do filme <i>Playtime</i> de Jacques Tati, 1967 (Manaugh, 2006)).....	46
Ilustração 6 – “WPA worker puts the finishing touches on a late-1930 model of downtown Los Angeles”, California Historical Society Collection/USC Libraries. (Masters, 2015).	49
Ilustração 7 – Aldo van Eyck, the playgrounds and the city (Fuchs, 2002).....	51
Ilustração 8 – <i>Play Mountain</i> de Isamu Noguchi, 1939 (Lange, 2019)	52
Ilustração 9 – Retrato de Alexandre O'Neill com as mãos de Vespeira e Nora Mitrani, Fernando Lemos, 1939. (JO, 2015).	53
Ilustração 10 –Auto-retrato, Fernando Lemos (Lemos, 1949).	55
Ilustração 11 – New Babylon, de Constant Nieuwenhuys, 1956. (Woods, 2009).....	56
Ilustração 12 – <i>Materialização de um quadrado imaginário</i> , Fernando Calhau. (Calhau, 1974).....	57
Ilustração 13 – Cena do filme, <i>Alphaville</i> , Jean Luc Godard, 1965. (Yoshioka, 2019).	60
Ilustração 14 – Les Halles antes da sua demolição, 1971, STF/AFP (Loyd, 2016)....	61
Ilustração 15 – Cobertura do Bloco de Marselha., René Burri. (Vitra Design Museum, 2017).	63
Ilustração 16 – Naked City de Guy Debord, 1957, (Sadler, p. 60).....	64
Ilustração 17 – <i>Pintura habitada</i> , Helena Almeida, 1976. (IC, 2010).	67
Ilustração 18 – Wrapped Monument to Vittorio Emanuele II, Christo e Jeanne-Claude, 1970, Shunk Kender. (Christo and Jeanne Claude, 2019).....	69
Ilustração 19 – <i>Attending</i> , Hreinn Fridfinnsson, 1973. (Hreinn, 2007).	70
Ilustração 20 – <i>Bodyspacemotionthings</i> , Robert Morris, 2009. (Ting Fen Yang, 2010).	73
Ilustração 21 – <i>Robert Morris</i> , Robert Morris, 1971. (Westerman, 2016).	74
Ilustração 22 – Street economy archive, <i>Post-it city</i> – cidades ocasionais, 2009.....	77
Ilustração 23 – <i>Tokyo Void – Possibilities in Absence</i> , Marialuise Jonas e Reiki Rahmann, 2015. (NAi Booksellers, 2019).	77
Ilustração 24 – <i>Rede de Carpintarias de Lisboa</i> (Artéria, 2013).....	78
Ilustração 25 – <i>Akôo</i> – espaço autogestionado (Zuloark, 2013).....	79

Ilustração 26 – <i>El campo de cebada</i> (La grieta, 2016)	81
Ilustração 27 – Rua de Suwon durante o <i>Ecomobility fest</i> (ICLEI, 2019).....	83
Ilustração 28 – Compilação de <i>flyers</i> .com as diversas tividades existentes no bairro (Muf architecture/art, 2019).	84
Ilustração 29 –Baloço feito com contentor de obra. (A'A', 2019).	85
Ilustração 30 – Manual de direitos dos vendedores ambulantes de nova lorque (Making Policy Public. 2017).	87
Ilustração 31 – Página de um dos manuais de Yona Friedman (Mat Office, 2017)....	88
Ilustração 32 – Pet architecture, atelier bow wow (7284GRP. 2015)	89
Ilustração 33 – Coberturas como espaços obsoletos, atelier Artéria (Artéria,. 2014) ..	90
Ilustração 34 – <i>Cinema centípede</i> , (Dezeen, 2012)	92
Ilustração 35 – <i>Bancs à turner</i> , (Bienale Design, 2017)	93
Ilustração 36 – <i>Urban Lounge</i> , de Pipiloti Rist e Carlos MArtinez (Anthi Evangelou, 2015)	94
Ilustração 37 – Candeeiros manipuláveis, de Adrian Geuze , (Gentili, 2014)	95
Ilustração 38 – Projecção de Krzsytof Wodiczko durante a Bienal de Veneza, 1987, (Culture.pl, 2019).....	96

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

CIAM - Congresso Internacional de Arquitectura moderna

I.S. - Internacional Situacionista

SAAL - Serviço Ambulatório de Arquitetura Local

SUMÁRIO

1. Introdução	21
2. Usos devidos	24
2.1. Grécia antiga.....	24
2.2. Idade Média	26
2.3. Barroco, absolutismo e imperialismo	27
2.3.1. O caso de Paris	29
2.3.2. Romantismo e contra-cultura.....	32
3. Resgate teórico.....	37
3.1. Movimento moderno	37
3.2. Uma nova escala	39
3.3. 2. ^a Guerra mundial.....	45
3.3.1. Contexto e respostas	45
3.3.2. Espaço vácuo	48
3.4. O propósito do disparate.....	53
3.4.1. New Babylon.....	56
3.4.2. Crítica debordiana e estratégias situacionistas	58
4. Devir e praxis	66
4.1. Geometrias de organização.....	66
4.2. O espaço público como agregador e catalizador social	69
4.3. Exemplos práticos.....	74
4.3.1. Mapeamento	74
4.3.2. Processos participativos	78
4.3.3. Ferramentas políticas	84
4.3.4. Projetos artísticos	91
5. Conclusão	97
Referências	100
Bibliografia	111

1. INTRODUÇÃO

Para a organização do presente trabalho de investigação, foi feita uma revisitação dos espaços metropolitanos na cultura ocidental, de modo a entender como os mecanismos projetivos das cidades cumprem uma função modeladora da sociedade, através do condicionamento dos tipos de ocupação a acontecer e do comportamento que esses mesmos espaços induzem. Os espaços urbanos podem ser utilizados como uma ferramenta de controlo que permite a manutenção de uma escala hierárquica que assegura o poder aos que o detêm. Nesse sentido, a cidade é entendida como um dispositivo, um elaborado mecanismo que serve o propósito de regar e manter as geometrias sociais estabelecidas, numa política de controlo hierárquico entre os seus habitantes. É convocada a brandura de costumes, induzida por um léxico espacial e de ocupação reduzidos e pelo impacto que a escala monumental da arquitetura institucional proporciona, em contraste com a escala arquitetura dos espaços do quotidiano. Pretende-se levantar e responder à questão de como poderia o espaço público abrir-se a novas formas de organização social e política, optando-se por uma estrutura de três capítulos organizados temporalmente.

O primeiro capítulo pretende traçar um enquadramento histórico, não exaustivo e não linear, de diferentes períodos da cultura ocidental, marcados por configurações urbanas díspares que estabelecem uma profunda relação com as formas de organização social que servem e que nelas habitam. É abordado o período clássico grego, a Idade Média, as cidades absolutistas e o período romântico, que definem diferentes momentos da História que expressam configurações urbanas e formas de governância distintas entre si.. Em todos, espaço urbano criado estabelece uma relação profunda com as formas de organização social moldando, através da possibilitação ou restrição, diferentes tipos de comportamento, ação e apropriação dentro do espaço público urbano. Foi optado por não se abordar a cidade romana pois, no nosso entender, seria mais proveitoso a apresentação da cidade imperialista através da cidade absolutista barroca, o modelo urbano que receberá a migração rural causada pela revolução industrial, e que, neste sentido nos permite um melhor entendimento da génese da arquitetura urbana do século XX e o surgimento da cidade capitalista. O trabalho de investigação foi feito com recurso a material bibliográfico de história, história da arte, monografias de arte e documentos icónicos, consultado na Biblioteca Nacional de Portugal e Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, para além da consulta de bibliografia pessoal.

O segundo capítulo aborda o século XX e as duas grandes guerras mundiais, desvelando a relação indissociável entre urbanismo, economia e política. Aborda-se a 1ª Grande Guerra e o surgimento do Movimento Moderno, numa relação de causa-efeito que demonstra como a arquitetura, e o arquiteto, podem contribuir para a eficaz resposta às questões levantadas pelo seu contexto temporal, apresentando soluções de construção de novas tipologias de cidade que podem fundamentar o surgimento de novos modelos sociais. Paralelamente, são analisadas as metodologias e projetos de urbanismo modernistas e o surgimento de correntes filosóficas e práticas artísticas disruptivas que põem em causa a sua valência. É questionado o modo assertivo como o movimento moderno serve os princípios da economia mundial liberal e o seu crescimento, descurando o lado humano que uma cidade deve contemplar. A arte torna-se operativa, tentando entender e responder ao que gera desconforto na vivência do dia-a-dia nos espaços urbanos, num exercício que acaba por se estender à arquitetura. Este encadeamento temporal permitirá entender como, no que toca ao seu *habitat*, entorno e contexto, o ser humano procura os lugares com os quais estabelece uma ligação afetiva e os lugares que o liguem à memória coletiva da história da sua civilização. Para a escrita deste capítulo, foi usada bibliografia pessoal, que me acompanha desde o quarto ano do curso de arquitetura, podendo destacar Três textos sobre a cidade, de Rem Koolhaas e Situationist city, de Simon Sadler e A sociedade de espectáculo, de Guy Debord, como livros que levaram à proposta do presente tema. Foi utilizado material bibliográfico da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian e plataformas *online*, recorrendo a monografias de autores como Le Corbusier. Foi também utilizada uma vasta bibliografia sobre a Internacional Situacionista e as estratégias situacionistas de análise e intervenção no espaço, assim como monografias de alguns dos seus membros, emprestadas de bibliotecas pessoais de amigos, que permitiu estabelecer a ligação entre os vários capítulos.

O terceiro capítulo coloca-nos no séc. XXI, pretendendo entender o que compõe o espaço urbano, numa época em que as novas tecnologias digitais e do ciberespaço vêm a alterar a definição do conceito de lugar, trabalho e economia. Este capítulo procura traçar o retrato do espaço político urbano e das suas redes de relações e interdependências. É apresentada a crítica que vem sendo elaborada ao atual modelo político urbano, e o surgimento dos conceitos de organização e metodologias *bottom-up* – multidisciplinares e participativas - como preferenciais, ao invés de um sistema de organização *top-down* – hierárquico e tecnocrata. É defendida a perspectiva de que o espaço urbano deve ser o espelho da pluralidade que nele existe, abrindo os seus processos de planeamento à população e para o debate entre cidadãos. São também

apresentados projetos que põem em prática novas metodologias e formas de fazer cidade. A escrita deste capítulo é baseada na consulta de bibliografia, artigos científicos e conferências transcritas de autores de ciências sociais e ciências políticas, devendo ser destacada a importância de Rosalyn, enquanto autora para a elaboração e fundamentação de todo este capítulo. Deve ser destacado que, grande parte das referências utilizadas me foram transmitidas enquanto participante nos Seminários de especialização O lugar da cidade: a Mouraria - observar, avaliar, agir, um projeto participativo e Tecnopolíticas para a Regeneração Urbana, co-criação de espaços públicos, organizados pela Professora Alexandra Paio, do ISCTE-IUL. Nestes destaco possibilidade de poder assistir às apresentações de Belinda Tato, do atelier de arquitetura Ecosistema Urbano – sócio environmental design, e de Felix Stalder, professor de Cultura digital e Teoria de redes na Zurich University of the Arts. A maioria da bibliografia utilizada foi encontrada em plataformas open source online. O terceiro e último subcapítulo da Dissertação apresenta exemplos de projetos e práticas de intervenção no espaço público que expõem novas metodologias de trabalho, abertas e inclusivas na sua concepção ou tipo de utilização. Foi utilizada bibliografia pessoal assim como a pesquisa em plataformas online que me puseram em contato com um número vasto de projetos que expressam a fundamentação teórica e científica apresentada.

Com o crescimento contínuo das cidades, o espaço destinado à habitação tornar-se-à cada vez mais reduzido. A rua e o espaço público terão de se tornar uma hipótese viável enquanto espaço de permanência, oferecendo-se como uma alternativa de espaço de estar. O espaço público deve retomar a sua função primária de palco da vida social e do exercício da democracia. Esse espaço não pode ser privatizado e o seu usufruto não pode ser baseado no papel de consumidor a que a atualidade remete os habitantes das cidades. Promovendo práticas de planeamento urbano abertas e a pluralidade dos espaços públicos e do seu tipo de ocupação, vincula-se o seu valor como espaço de encontro e de reflexão. Com a transformação das cidades em lugares apropriáveis e com possibilidades de uso flexíveis, o espaço urbano deixa de ser apenas o físico e o palpável, passando a ser construído através do ambiente humano e dos conjuntos de relações que se vão estabelecendo, numa evolução orgânica, representativa de quem habita o espaço.

2. USOS DEVIDOS

2.1. GRÉCIA ANTIGA

Podemos pensar na Ágora Grega, um espaço espelho de uma sociedade que funcionava de forma participativa e que desenhava o seu espaço público de forma a promover e enaltecer as suas raízes filosóficas. Numa democracia¹ em que todos os cidadãos participavam nas decisões políticas e de justiça, as conversas e debates públicos aconteciam na rua, ao ar livre. “Com o desenvolvimento da democracia nas cidades-estado da Grécia, aparecem novos elementos urbanísticos que denunciam uma participação muito maior do povo nos assuntos da comunidade “(Goitia, 1977, p. 48).

As cidades dividiam-se em duas zonas distintas com diferentes formas de construção. Ver a sua organização e estratificação é ler a sua organização social. A cidade grega espelha a ligação profunda que pretendia estabelecer entre o cidadão e a prática da cidadania. Na cidade de Atenas, a Acrópole (além de Templo), era também o lugar onde eram guardados os maior espólios da cidade, mas mais do que revelar o seu poder material, os centros urbanos gregos eram a revelação da cultura e do conhecimento acumulado da sociedade. Construída sobre um sistema de patamares, devido à natureza da topografia onde foi erguida, a implantação da acrópole tira partido da sua posição geográfica para revelar a hierarquia de valores que guiavam a sociedade. O complexo da acrópole é a exposição formal de uma hierarquia ética.

Além dos templos, que representavam para os gregos o cume do seu mundo espiritual, e o maior orgulho da sua criação artística, surgem na cidade vários edifícios dedicados ao bem público e ao desenvolvimento da democracia. [...] À volta desta ágora construía-se o *ecclesiasteron* (sala para assembleias públicas), o *bouleuterion* (sala para assembleias municipais), o *prytaneion*, (onde se reunia a câmara municipal). [...] Além destes elementos político-administrativos-económicos que eram o núcleo da cidade, constituindo aquilo a que hoje chamaríamos um centro cívico, havia ainda outro factor importante dentro da cidade grega, que era o que correspondia às diversões e que deu lugar à construção de teatros ao ar livre e estádios para os jogos olímpicos. (Goitia, 1982, p. 48).

Nas cidades gregas, os cidadãos - homens adultos - podiam expor os seus pontos de vista publicamente. Os plenários aconteciam na rua, em espaços dedicados a esse

¹ Modelo político que incorpora as condições sociais, económicas e culturais que permitem a autodeterminação política através de eleições livres e a participação coletiva da sociedade civil no debate político e vida cívica (direta ou a partir de representação eleitora), privilegiando a proteção dos seus cidadãos e direitos humanos e garantindo a aplicação igualitária de leis. É também o modelo político que permite desvincular os governos da sua ação sem a necessidade de revolução.

acontecimento, mas não fechados. Todos os elementos que eram considerados como cidadãos podiam participar no desenvolvimento dos valores que os orientavam enquanto grupo, sendo aplicada a ética como valor regente e a dialética enquanto ferramenta, para que não imperasse o simplismo das primeiras impressões. Este crescimento comum, no qual todos participavam, era desenvolvido e construído ao longo do tempo, materializado pelos cidadãos perante situações práticas, tendo como base a filosofia. Se o poder é do cidadão, as decisões tomam-se no espaço público e o debate acontece entre todos, fazendo da rua, do ar livre, um espaço político e filosófico.

As habitacionais eram erigidos à volta de um núcleo urbano. Átomo significa inseparável, e a cidade grega espelhada essa ligação profunda que a sua sociedade pretendia estabelecer entre o cidadão e a prática da cidadania. Recuando mais no tempo e deslocando-nos até o Oriente encontramos a raiz deste conceito na tradição vedanta, *Atman* é a essência comum de tudo o que existe, o entendimento da relação entre a unidade e o universal. A sociedade grega, e o seu desenho urbano, fortemente enraizado nas possibilidades do espaço público promovem esse acontecimento. Uma sociedade justa é a que dá oportunidades iguais a todos para que evoluam, logo a educação e os valores cultivados são fulcrais para que aconteça essa construção coletiva de um espaço ético e moral, através do pensamento e dos actos.

São os indivíduos ao longo do tempo que participam na construção da sua cultura, que é viva e orgânica. Além da soma do nosso conhecimento também as escolhas, interesses e acções de todos, principalmente as que mais influenciam o colectivo, são as peças que constroem a cultura de um grupo e de uma época. Entendendo que qualquer escolha e acção é um acto político, a sociedade cívil tem poder sobre a sua própria construção, mesmo com pequenas acções e escolhas podemos influenciar essa construção colectiva.

Ao andar na Acrópole ou pelos campos, o cidadão grego sentia-se parte constituinte, como uma parte de uma organização a que pertencia e na qual participava activamente. Uma civilização orgânica em permanente crescimento, não só físico mas imaterial, composta também pelo pensamento, baseado na e intenção da evolução colectiva, e para a qual todos contribuem. Tornando o vazio (espaço público) um lugar intelectual, onde a mente viaja para chegar a valores éticos, justiça e transcendência. O cidadão grego era um ser político e de acção, pois o seu pensamento quando manifestado poderia ter verdadeiras consequências. Era dever de todos o seu próprio cultivo e desenvolvimento, para que o todo pudesse crescer de forma cada vez mais

evoluída. Esse era o grande espaço público grego, não o da acrópole, mas o vazio a ser preenchido pelo pensamento colectivo. A acrópole era apenas o espaço que recebia a actividade nobre humana, um espaço com intenção inspiradora que materializava em pedra e através do simbolismo, os valores e expoentes de perfeição que julgavam poder ser atingidos.²

2.2. IDADE MÉDIA

Com o decair do Império Romano e a sua estrutura política e institucional, o mundo ocidental passa por um período de marcada mudança social, com as *civitas* a decrescerem e, nalguns casos, a desaparecerem. As populações, antes congregadas em centros urbanos, acabam por se dispersarem pelo território rural. Após as invasões nórdicas, entre os séculos VIII e XI, a Europa entra na designada Idade Média. Num período de débil estabilidade social e económica, inicia-se o estabelecimento de uma sociedade maioritariamente agrária controlada por um regime feudal, que será a base da sua economia e do seu desenvolvimento posterior (Goitia, 1977, p. 81).

A arquitectura fortificada românica, herança da presença da cultura belicista romana, já não é necessária. Finalmente é possível estar fora de paredes sem medo e, talvez pelo resguardo e confinamento a que foram sujeitos, as populações urbanas começam a dar um uso extensivo à rua. Desde o comércio em feiras diárias ou oficinas francamente abertas para a rua para que todos pudessem observar a mestria dos artesãos, à preparação de refeições, às grandes feiras, o cidadão medieval ocupa e faz um uso livre do espaço público como continuação da sua habitação ou oficina.

Contrariamente à sociedade clássica grega e o seu legado imaterial, nas cidades da idade média, o espaço público urbano não é ocupado pelo debate e a filosofia, mas sim pelos atos corriqueiros do dia a dia. A sua configuração pitoresca é uma das principais características dos assentamentos medievais, justificavel pela necessidade de resguardo e defesa, que as situa em situações geográficas de difícil acesso. A fisionomia das cidades medievais acomoda-se a topografias acidentadas, criando espaços sinuosas e irregulares, com centros urbanos nodosos e de crescimento orgânico (Goitia, 1977, p. 88).

² Para a escrita do subcapítulo “Grécia antiga” foi utilizado, além do autor citado, o apoio dos livros *História da arte* (Jansen, 1998), *L’homme et les villes* (Ragon, 1975), *Recherces sur l’agora – études d’histoire et d’architecture* (Martin, 1951), *Villes et civilisation* (Habenstreit, 1973),



Ilustração 1 - *The Fight Between Carnival and Lent*, de Pieter Bruegel, the Elder, 1559 (Wikiart, 2019)

As cidades da Idade Média, surgem no início do séc. XI, atingindo o seu desenvolvimento durante os séculos XII e XIII, devido ao enfraquecimento da organização feudal agrária e ao desenvolvimento das actividades do comércio e indústria (Goitia, 1977, p. 84). O crescimento e o desenvolvimento dos centros urbanos deu-se maioritariamente devido à necessidade de troca e aquisição de bens, iniciando-se o aparecimento de uma nova classe social com atividade focada na transação e comércio, a burguesia intermediária entre a necessidade e a capacidade, que se tornou o maior estímulo para o desenvolvimento das cidades medievais. Os mercados, e principalmente as grandes feiras ao ar livre, eram grandes eventos sociais que se instalavam física e temporalmente em redor do culto religioso. “A cidade medieval implanta-se, portanto, como uma área de liberdade no meio do mundo rural que a circunda [...]” (Goitia, 1977, p. 94).³

2.3. BARROCO, ABSOLUTISMO E IMPERIALISMO

Com a queda gradual do regime feudal, e a unificação dos territórios em países unidos, os regimes monárquicos assumem o poder total do governo dos seus territórios, desenvolvendo um modelo de regime absolutista detentor de poder e controlo político, religioso e económico. Se o Rei era sol e deus, a cidade passa a ser uma representação de si e a defesa dos seus interesses. A sua representação pública manifesta três características: poder, opulência e festa, como sinónimo de capacidade económica. Iniciou-se a prática da intervenção efémera para a celebração de datas ou acontecimentos excelsos – ainda hoje alguns destes tipos de intervenção ainda têm

³ Para a escrita do subcapítulo “Idade Média” foi utilizado, além do autor citado, o apoio dos livros *A cidade medieval* (Lopez, 1988), *História da arte* (Jansen, 1998) e *Villes et civilisation* (Habenstreit, 1973)

expressão em manifestações populares e religiosas, como os cortejos e procissões com iluminação especial, fogo-de-artifício e o embelezamento das ruas com flores e colchas. Pelo carácter temporário, que permitia um grande impacto e espectacularidade com custos mais reduzidos do que uma obra permanente, a arte efémera tornou-se uma das maiores formas de expressão de poder e magnificência dos regime absolutistas, uma forma de celebração em eventos de transformação total da realidade numa fantasia elaborada, alterando a percepção da realidade e envolvente por alguns instantes.

Shearman⁴ afirma que ““era política deliberada dos Medici, desde a sua restauração em 1512, manter a sua jovem aristocracia distraída e as suas energias satisfeitas por meio de entretenimentos apurados. ““ (Calado, 2012, p. 3)

Representações de Alegorias, encenações de batalhas navais e as máquinas de Leonardo da Vinci (1452 – 1519) estão entre os espectáculos que as cortes italianas desfrutaram. Este tipo de espetáculos adquire maior consistência com o Absolutismo, sendo os cortejos, com fabricação dos cenários e construção de arcos triunfais, a forma de celebração mais comum. Encontram-se relatos de estruturas efémeras construídas propositadamente para estes acontecimentos em Portugal.

Em 1581, na recepção a Filipe II (1527 – 1598) ““em torno das galés vinham muitos barcos... Entre os quais andavam alguns mui lindamente pintados de diferentes cores, com toldos de brocado e seda, da cor de cada um, embandeirados do mesmo, com charamelas e outros instrumentos, e os remeiros vestidos da mesma seda ” “ (Montez, *apud.* Calado, 2012, p. 7). “A grandeza e espectacularidade da transformação feita na cidade, terá feito D Filipe II dizer que ““Só neste dia sei que sou verdadeiramente rei”“ (Montez, *apud.* Calado, 2012, p. 7).

Estas encenações fantasiosas exaltavam a riqueza e poder do país, tentando incutir um requinte alegórico e grandioso à família real. Os excessos característicos do estilo Barroco tornam-se necessários, como meio de expressão que permitia a compressão de informação para exprimir à primeira vista uma mensagem. Numa época em que a maioria não sabia ler, o uso profuso de decoração permitia contar histórias e relatar eventos de forma pictórica - embora muita da simbologia, a expressão mais erudita destas manifestações - não fosse entendido pela maioria da população. Estas estruturas magníficas eram erguidas em cidades de estrutura e construção medieval,

⁴ Jonh Shearman (1931 – 2003), historiador de arte inglês, especialista no renascimento italiano. Desenvolveu trabalho de investigação na Universidade de Princeton e leccionou na Universidade de Harvard.

que já dificilmente suportavam a densidade populacional e o seu tráfego. Principalmente numa cidade que acolhe a Nobreza, agora urbana, obrigada, pela pressão de pertencer à corte, a aproximar-se fisicamente do Rei.⁵

2.3.1. O CASO DE PARIS

Entre 1800 e 1850 a população de Paris duplicou, colocando a estrutura urbana, ainda medieval, sob grande pressão, e tornando as condições de salubridade e higiene cada vez mais precárias. A conturbação política francesa, que marcou o séc. XVIII, e as constantes revoluções contra os vários governos republicanos, levaram Napoleão III (1808 – 1873) a executar um plano de reforma urbana que, além de problemas funcionais, higiene e condições de habitabilidade, permitisse um maior controlo dos movimentos populares revolucionários. *“Tous ceux qui ont quelque chose a perdre: ce sont les traditions révolutionnaires et insurrectionnelles qui se sont perpétuées de cote. Le voisinage de l’Hotel de Ville a rarement cesse d’être tumultueux”* (Merruau, *apud*. Pinon, 1991, p.47). Grande parte do sucesso das revoltas assentava na natureza medieval da estrutura da cidade. As ruas estreitas e sinuosas permitiam a facilidade de construção de barricadas extremamente eficazes, assim como a fuga dos revolucionários. Com a implementação de um plano de reforma urbanística de base iluminista,, o controlo dos movimentos populares era eficaz demovendo a iniciativa de novas revoltas devido à abertura a malha urbana. Além de promover a facilidade de circulação e a salubridade do espaço urbano, Napoleão III procurava o seu bem-estar pessoal.

Para a execução do plano grandioso foi escolhido Albert Haussman⁶ que se revelou, ao longo da sua carreira estadista - sem formação em arquitectura ou urbanismo - um aliado e defensor de Napoleão. Foi proposta e implementada a amplificação do sistema de esgotos, ruas largas, iluminação pública a gás, monumentos, um novo estilo uniforme para as fachadas dos edifícios, reorganização e construção de

⁵ Para a escrita do subcapítulo “Barroco, absolutismo e imperialismo” foi utilizado, além do autor citado, o apoio dos livros *A festa barroca no Porto ao serviço da família real na segunda metade do séc. XVIII : subsídios para o seu estudo* (Alves, 1988), *Breve história do urbanismo* (Goitia, 1982) e, *L’homme et les villes* (Ragon, 1975)

⁶ George-Eugéne Haussman (Paris, 1809- 1891), Barão de Haussman, advogado, funcionário público, nomeado por Napoleão III prefeito de Paris e encarregado pelo Imperador pela sua modernização. Haussman desenvolveu um plano de modernização da cidade que exigiu a demolição do tecido nodoso mais antigo da cidade para a manipulação e transformação morfológica da geografia da cidade para construção de grandes avenidas e *boulevards* e instalação de sistemas de distribuição de águas e esgotos. O projeto permitiu a modernização e embelezamento estratégico da cidade, servindo os ideais do Império de Napoleão, reprimindo - através da geometria regrada e arruamentos largos - manifestações da população e a instalação de barricadas.

sistemas viários simétricos, novos parques públicos e a organização da cidade em bairros.

Pour les idées sur la ville, sa forme, son organization, en l'absence de grande théorie (le système haussmannien d'ailleurs n'a jamais été théorisé), il existe de même un ensemble d'idées que semblent partager, au milieu du XIX siècle, les quelques professionnels qui s'intéressent à la ville. (Cars, Pinon, 1991, p.44)

Embora o plano fosse de modernização, tanto Hoffman como Napoleão admiravam o estilo henénico clássico, pela sua dimensão estética e simbólica, de estabilidade cultural e moral. Assim, os elementos neoclássicos tornaram-se um tema unificador que permitia dotar de coerência visual aos arruamentos da cidade, criando a imagética de um Império baseado nos valores filosóficos gregos e com o poder bélico romano, dotando a cidade de uma ambiência de estabilidade social e económica pela sua (decorativa) antiguidade. Uma encenação de uma cultura inventada, recorrendo a uma iconografia reconhecível e por todos associados a uma cultura elevada. O plano de transformação de Paris envolvia a construção de parques, escolas, hospitais, asilos, prisões e edifícios administrativos que servissem de alicerce ao novo império com uma população em franco crescimento, sendo o aspecto mais ambicioso o redesenho total da morfologia da cidade. “Napoleon III , longtemps exilé, aurait ignoré la topographie même de Paris” (Cars, Pinon, 1991, p.51), baseado no direito de expropriação.



Ilustração 2 - Destruição de Paris durante a implementação dos planos de Haussman. (Combis, 2019).

Esta alteração profunda da estrutura da malha da cidade e a construção de um “Type architectonique d'une ville construite suivant les lois de l'hygiène et l'état des sciences au XIX siècle” (Cars, Pinon, 1991, p.45), obrigaram à demolição das zonas mais antigas, a partir do direito de expropriação, criando no seu lugar ruas largas numa

malha regrada, que, ao mesmo tempo que permitiam a criação de condições de vida e habitabilidade dignas, possibilitavam a fácil deslocação das tropas.

Os novos grandes arruamentos criaram uma infra-estrutura mais apta para o comércio, possibilitando o crescimento económico urbano e a passagem de uma sociedade maioritariamente rural para uma sociedade comercial e mercantilista. As novas ruas eram, na sua maioria, construídas para acomodar a população que sustentava o comércio parisiense e frequentava os estabelecimentos de ócio e divertimento. Paris torna-se uma cidade dedicada ao prazer de uma classe endinheirada, que tal como a juventude de Florença dos Médici, era convenientemente mantida entretida. “[...] les voies nouvelles destinées à y apporter l’aïence, la munière, l’activité; que de tels travaux, en provoquant dans la capital in immense mouvement d’affaires et de richesses [...]” (Cars, Pinon, 1991, p. 57).

Para além de toda a classe burguesa e aristocrata que se movia dentro das convenções sociais tidas como correctas e aceitáveis, surgem outros grupos sociais que começam a tirar máximo proveito de toda a infra-estrutura dedicada ao lazer e divertimento. Personagens que fazem do bem viver e actividades de ócio a sua principal actividade diária. Boémios e dandis percorrem a cidade, usando os cafés e botequins, cabarets e bordéis como os lugares de eleição para a vida quotidiana e convívio, abrindo portas para que no séc. XX surgissem os movimentos modernos da arte, práticas situacionistas e movimentos contra-corrente dos anos 1960. Foi o excesso das actividades da civilização e a hiperbolização da vida burguesa, que fez nascer a classe que mais alimentaria a sua crítica e defendiam a revolução. Tal como a auto-fágica Roma, os grandes impérios modernos colapsaram devido à extensão do seu conforto.⁷

⁷ Para a escrita do sub-subcapítulo “O caso de Paris” foi utilizado o apoio dos livros L’homme et les villes (Ragon, 1975), Paris-Haussman (Cars, Pinon, 1991) e (História da arte (Jansen, 1998),

Áquela hora D. Felicidade e Luísa chegavam ao Passeio.

Logo ao pé do tanque encontraram Basílio. [...] Na água escura e suja as luzes do gás torciam-se até uma grande profundidade. As folhagens em redor estavam imóveis, no ar parado, com tons de um verde lívido e artificial.

Eça de Queirós, 1878

2.3.2. ROMANTISMO E CONTRA-CULTURA

O espaço público é o palco das revoltas contra o sistema que o estruturou. A tentativa e a luta para se chegar a um sistema social igualitário, livre e justo sempre aconteceu na rua. A queda dos regimes absolutistas e a instituição de monarquia constitucionais e primeiras républicas, e a conseqüente crescente estabilidade social, possibilitou “a última revolução fundamental que as cidades sofreram nos tempos modernos [...] ocasionada pela complexa série de acontecimentos a que se tem chamado revolução industrial” (Goitia, 1982, p.155). “As invenções sucederam-se rapidamente umas às outras e a produção aumentou enormemente graças à grande quantidade de trabalhadores utilizados” (Goitia, 1982, p. 156). A oferta de trabalho nos novos centros industriais despoletou um movimento de migração rural ímpar, fazendo crescer as cidades que tinham de albergar o “excedente de operários mal pagos” (Goitia, 1982, p.159). “Ao mesmo tempo que as fábricas e todos os seus estabelecimentos anexos ganham destaque, na cidade industrial, os chamados bairros operários, construídos a virtude da iniludível necessidade de albergar mão-de-obra [...] com condições de vida verdadeiramente infimas” (Goitia, 1982, p.160).

“Ao lado da cidade industrial levanta-se, orgulhosa, a cidade da burguesia liberal, desejosa de pôr em evidência o poder e os conhecimentos esclarecidos de uma classe dominante” (Goitia, 1982, p. 170). A nova burguesia exige para si espaço de lazer ao ar livre, influenciados pelos novos ideais higienistas e a vontade de afirmar, através de arquitecturas historicistas e ecléticas, a sua dignidade e conhecimento. “É possível que em nenhuma outra época da história se tenham construído mais igrejas góticas do que no século XIX” (Goitia, 1982, p. 170).

[...] grandes avenidas resplandecentes de luz, praças ornamentadas com monumentos aos grandes líderes do progresso, grandiosos edifícios representativos, palacetes e zonas residenciais que respiravam desafogo e distanciamento. A cidade, dividida nesta cruel dicotomia, era a melhor imagem das contradições da burguesia liberal. (Goitia, 1982, p.171).

No início da era maquinização dos meios de produção surge um contra-movimento, subversivo e saudosista, que antevê as alterações sociais que os princípios da produção industrial iriam despoletar.

Esta contra-corrente é manifestada pelos pensadores britânicos John Ruskin⁸ e William Morris⁹. John Ruskin desenvolveu um corpo de trabalho teórico baseado na rejeição dos meios de produção industrial para a arquitectura e artes decorativas, defendendo a alteração dos meios de produção para a meios artesanais que permitiriam a melhoria dos produtos da sociedade e da qualidade de vida dos trabalhadores. William Morris frequentou a Universidade de Oxford e os Estudos Clássicos influenciaram o seu gosto e interesse pelo período medieval da história ocidental, torna-se em 1880 ativista político tendo fundado em 1884 a Socialist League. Além de teórico, William Morris desenvolveu a sua atividade artística enquanto escritor, poeta, pintor, *designer* gráfico e concepção de mobiliário - que baseia no naturalismo e motivos vegetalistas, fortemente influenciado pelo gosto e estética pré-rafaelita. (Cody, 2013). O grupo é assim designado por homenagear e fazer uso dos ideais puristas do período renascentista anterior a Rafael, revelando os ideais e o retrato idílico de uma era medieval pontuada pelo misticismo e elementos alegóricos clássicos, em composições complexas com cores intensas e detalhes ricos. Para William Morris o interesse pela era medieval baseia-se sobretudo no desejo de retorno a uma sociedade rural de cariz auto-sustentável e métodos de produção local artesã.¹⁰ O modelo estético e de produção que defende é reflexo dos seus dos ideais socialistas, que permitiram a Morris desenvolver um trabalho teórico político

⁸ John Ruskin (Inglaterra, 1819 – 1900), ensaísta, crítico social e crítico de arte, poeta e desenhador. O pensamento de John Ruskin vincula-se ao Romantismo - movimento literário e ideológico - que enfatiza a sensibilidade subjetiva perante a razão. Lidera o movimento anti-classicista, defendendo o medievalismo como modelo estético, social e económico. Foi um dos fundadores da Irmandade Pré-rafaelita, inspirando o movimento Arts and Crafts. Os seus textos sobre arte e arquitectura (dos quais se destaca *Sete lâmpadas da arquitetura*) foram de extrema importância na Era Vitoriana, ecoando até hoje.

⁹ William Morris (Inglaterra, 1834 – 1896), ativista político e social, poeta, romancista, ensaísta, designer têxtil, profundamente influenciado pelo medievalismo - devido à sua formação em Estudos Clássicos, na Universidade de Oxford - tendo sido uma das principais figuras do movimento Arts and Crafts e da apologia do revivalismo dos métodos tradicionais de produção e das artes têxteis. Têve, através da sua escrita e trabalho artístico, um papel significativo na divulgação do movimento socialista na Grã-Bretanha.

¹⁰ Texto redigido com o apoio dos livros *História da Arte* (Jansen, 1998), *Artes Menores*, (Morris, 2003), e informação recolhida no arquivo online *William Morris Society* [<https://williammorrisociety.org/about-william-morris/>] e *William Morris Archive* [<http://morrisedition.lib.uiowa.edu/about.html>]

verdadeiramente interessante e influenciador, ainda válido, e que, a nosso entender, terá influenciado o movimento de contra-cultura dos anos 1960.

Irónicamente, o seu trabalho e luta tiveram, como uma forte influência no gosto da sua época. A classe média da época, voltou o seu gosto para um estilo inocente, romântico e campestre, fechando os olhos e as janelas das suas salas, com a puerilidade dos campos. A possível revolução tornou-se estética, dando preferência a um estilo que lembrava uma vida simples, sem os múltiplos intervenientes da já complexa sociedade e dos elos de produção que a sustentava.

A estética de Morris, um manifesto artístico contra a sociedade e os meios de produção, foram apropriados como estilo decorativo, pela indústria de produção em série, mascarando de cordeiro o lobo e assim fazendo cair por terra uma corrente revolucionária que poderia ter desempenhado um papel transformador da vida que o ser humano, organizado coletivamente, poderia ter. Morris pretendia lutar por uma arte fortemente assente na ideia de alteração dos padrões de produção e consumo, e apenas com essa mudança operar a transformação total da sociedade, criando uma alternativa social de organização económica que permitiria equidade social, moral e o renascimento de valores de respeito entre os homens e dos homens para com a natureza.

Permeando de interesse todos os objectos utilitários essenciais “produzidos por quem gosta de os fazer e não por uma máquina desprovida de vontade que transformou o comprador num escravo do mercado mundial” (Morris, 2003 p.121). Marxista e leitor de Mikhail Bakunin¹¹, defensor do fim dos estados e sua substituição por federações e comunidades auto-gerida, fala no séc. XIX de ecologia social e do regresso a um “paradigma de sintonia com os ritmos da natureza, elevando a qualidade de vida do cidadão e inculcando-lhe um sentido mais profundo, com dias de trabalho aprazíveis, felizes no exercício das nossas energias, iluminados pela certeza da utilidade” (Morris, 2003 p. 125). “Este prazer e este interesse só podem estar presentes quando o trabalhador tem liberdade no trabalho, quando está consciente de estar a produzir um bem adequado às suas próprias necessidades” (Morris, 2003, p.121).

¹¹ Mikhail Bakunin (Rússia, 1814 – 1976), teórico político, sociólogo, filósofo e revolucionário anarquista.

A alteração dos sistemas de produção era uma forma de revolução contra o mercantilismo, propondo o regresso a um sistema de produção que não tinha no lucro o principal objectivo, mas sim satisfazer as necessidades das pessoas com o saber e a capacidade pessoais. Ideias simples como não produzir mais do que o necessário, dando tempo aos artesãos para produzirem com qualidade, brio e gosto, assim como dar tempo para que o artesão, além de um trabalhador tenha também gostos e interesses que pode explorar, estão na base das teorias profundamente humanistas e ecológicas de William Morris, que propunha uma solução prática para uma revolução baseada na melhoria da qualidade de vida transversal a todos, assim como uma renovação estética e também pedagógica, sobre a forma de encarar as necessidades materiais. Esta proposta de alteração das formas de pensamento e de produção para o uso e não para o lucro, era também uma ferramenta de forma a controlar o despontar do capitalismo.

Poderíamos produzir metade ou um quarto do que produzimos actualmente e, no entanto, ser muito mais ricos, e portanto muito mais felizes do que agora, se encaminhassemos todo o nosso trabalho para a produção de coisas uteis, coisas que todos queremos, recusando trabalhar na produção de coisas inúteis. (Morris, 2003, p. 137)

Esta lógica poderia ser aplicada à arquitectura, aplicando-a ao espaço e ao que se constrói e o que se deixa livre. Podemos pensar no passeio como algo que, tal como a compra de um produto, não vai muito além do prazer momentâneo. É possível consumir o espaço público sem nele ter especial interesse ou empatia. Esse espaço público tornou-se, com o avançar do tempo e da lógicas capitalistas, maioritariamente comercial.

O parque ou jardim, torna-se um lugar idílico de evasão, uma quimera romântica dos passeios para quando há tempo, e uma lufada de ar fresco para escapismos operários. “Este excursionismo é um sucedâneo é o de tornar belo e agradável o local onde se vive, onde se trabalha.” (Morris, 2003, p. 136). Na época da revolução industrial e com o início dos problemas de poluição, que voltou as atenções para os temas naturais e a apologia do bucólico, são construídos parques urbanos, jardins românticos murados que constituíam o “passeio público” que permitiam ter contacto com o mundo natural - artificializado - e por algumas horas escapar do ritmo e cenário da cidade. O passeio público é assim o palco tanto vida social como do passeio introspectivo.

Isto é uma questão séria porque conheço a sua triste causa, o facto da maior parte dos habitantes das cidades viverem vidas tão desgraçadas, de o seu trabalho ser tão

mecanizado e desinteressante, o seu descanso tão vazio e muitas vezes tão marcado pela fadiga do excesso do trabalho, que tudo o que lhes é proposto como entretenimento os atrai. (Morris, 2003, p.135)

O habitante da cidade, tal como o operário, não têm poder de decisão, sobre o que produz, como o produz, nem sobre o que consome. À falta de alternativa, frequente e conforma-se com o espaço público próximo. O desenho e planeamento do espaço público têm vindo a ser debatidos e executados dentro de lógicas de governância e abordagem *top-down*¹². Com o organicismo e crescimento desregrado medieval, observou-se uma a cidade ia sendo construída consoante as necessidades, muitas vezes em auto-construção, numa lógica *bottom-up*¹³, sendo o seu espaço público e a suas utilizações também a repercussão dos desejos, trabalho e dia dia dos habitantes.¹⁴

¹² Abordagens *top-down* são caracterizadas por uma divisão clara entre a esfera política, onde são equacionados e decididos os projetos a implementar, e a esfera administrativa, correspondente ao local onde este será implementado. Os processos *top-down* refletem um assimetria hierárquica dentro do atual modelo político, que possibilita aos órgãos de poder o control da totalidade dos processos, a serem implementados por agentes que não têm a possibilidade de contribuir para a sua concepção.

¹³ Abordagens *bottom-up* procuram olhar para o campo onde os processos a desenvolver irão ser implementados, permitindo a cooperação entre diferentes atores no processo de concepção e decisão.

¹⁴ Para a escrita do sub-subcapítulo “Romantismo e contra-cultura foi utilizado, para além do autor citado, o apoio dos livros *L’homme et les villes* (Ragon, 1975) e *História da arte* (Jansen, 1998),

3. RESGATE TEÓRICO

3.1. MOVIMENTO MODERNO

A crise do urbanismo agrava-se. A construção de bairros, antigos e novos, está em desacordo evidente com os modos de comportamento estabelecidos, e mais ainda com os novos modos de vida que procuramos. O ambiente morno e estéril da nossa envolvente resulta disso. Nos antigos bairros, as ruas degeneraram em autoestradas, os entretenimentos são comercializados e pervertidos pelo turismo. Os contactos sociais tornaram-se impossíveis. Os bairros recém-construídos não têm mais que dois temas que tudo dominam: a circulação automóvel e o conforto do lar. Eles são uma pobre expressão do bem-estar burguês, e toda a preocupação com o lúdico está aí ausente. (Constant, *apud*. Ramalho, 2014)

Na Europa, entre os séculos XVIII e XX, foram desenvolvidos e implementados planos urbanísticos que se iniciaram com a destruição de bairros tradicionais para possibilitar a emergência de cidades de grande escala, desenhadas segundo uma malha geométrica regradamente aplicada e divisão por zonas. Os novos planos urbanísticos de ampliação da escala das cidades vieram pôr fim ao desenvolvimento não condicionado que se observa nos bairros tradicionais populares e à cidade que se ia desenvolvendo a si mesma. A passagem do século XIX para o século XX foi uma época marcada por alterações profundas da organização da sociedade e às quais se sobrepôs a 1ª Grande Guerra Mundial (1914-1918) e o flagelo da epidemia de gripe pneumónica (1918-1919) que dizimou milhares de pessoas no planeta

A revolução industrial despoletou alterações profundas em todos os espectros da sociedade, consequência do novo modelo económico desenvolvido, fortemente apoiado pelo sistema político. Face às transformações económicas e sociais, a população rural (que representava a grande maioria da população europeia) viu-se obrigada a migrar para os centros urbanos, formando assim grande parte do tecido social ainda hoje existente nas cidades. Agricultores, artesãos e comerciantes de pequena escala encontraram-se inseridos num contexto não sustentável, que não abria espaço para a sua existência

This colossal centralisation, this heaping together of two and a half millions of human beings at one point, has multiplied the power of this two and a half millions a hundredfold; has raised London to the commercial capital of the world. The sacrifices which all this has cost become apparent later. [...] after visiting the slums of the metropolis, one realises for the first time that these Londoners have been forced to sacrifice the best qualities of their human nature, to bring to pass all the marvels of civilization which crown their city. (Engels, 2010, p. 1)

A migração da população rural carenciada provocou o crescimento desordenado das zonas limítrofes urbanas e do interior da cidade. Com a deslocação para uma cidade

que não estava apronta para os receber, a recém chegada população, que se encontrava numa delicada situação de pobreza, que não lhes garantia acesso a habitação, vê-se obrigada a construir e ocupar espaços precários. Começam a surgir bairros suburbanos que sem condições mínimas de dignidade.

Let us see what pay for his work society does give the working-man in the form of dwelling, clothing, food, what sort of subsistence it grants those who contribute most to the maintenance of society; and, first, let us consider the dwellings.

Every great city has one or more slums, where the working-class is crowded together. [...] the streets are generally unpaved, rough, dirty, filled with vegetable and animal refuse, without sewers or gutters, but supplied with foul, stagnant pools instead. Moreover, ventilation is impeded by the badly and confused method of building of the whole quarter, and since many human beings here live crowded into a small space, the atmosphere that prevails in these working-men's quarters may readily be imagined.

The houses are occupied from cellar to garret, filthy within and without, and their appearance is such that no human being could possibly wish to live in them. But all this is nothing in comparison with the dwellings in the narrow courts and alleys between the streets, entered by covered passages between the houses, in which the filth and tottering ruin surpass all description. Heaps of garbage and ashes lie in all directions, and the foul liquids emptied before the doors. (Engels, 2010, p. 2)

A doença era comum e as cidades tornaram-se focos de epidemias, revelando a urgência na melhoria das condições de vida da sua população, garantindo condições de habitabilidade, salubridade e higiene, assim como a escala e infra-estrutura adequada ao número de habitantes e às novas funções da cidade. Às fracas condições de vida juntou-se o flagelo da 1ª Grande Guerra que, além de dramática pelo elevado número de vítimas, veio a alterar profundamente o mapa geopolítico europeu, pondo fim aos Impérios Alemão, Austro-Húngaro, Otomano e Russo, erradicando quatro poderosas dinastias e a aristocracia que as apoiavam.

Além das alterações geopolíticas, a guerra teve consequências económicas profundas pelo número elevado de vítimas. Dos sessenta milhões de soldados europeus que foram mobilizados entre os anos de 1914 e 1918, oito milhões foram mortos, sete milhões foram incapacitados de maneira permanente e quinze milhões ficaram gravemente feridos. Além de soldados morreram seis milhões de civis durante a guerra. O número elevado de mortes deveu-se ao facto de os exércitos possuírem tecnologia e armamento avançados, desenvolvidos na revolução industrial, mas sem qu estivessem a ser utilizados os meios de protecção adequados ao novo armamento.

Com a miséria vivida durante o período de guerra, os surtos de doença tornaram-se mais perigosos. Em 1918 teve início o surto de epidemia de gripe pneumónica que

afectou grande parte da população mundial. Estima-se que tenham falecido entre cinquenta e cem milhões de vítimas da epidemia em todo o planeta. A espaço europeu foi profundamente afectado pela doença e um grande número de artistas e intelectuais faleceram nesta época. Se a doença alertou para a necessidade de se actuar perante as questões de salubridade e higiene das cidades, o fim da Guerra abriu a possibilidade para a execução de planos de desenvolvimento e regeneração urbana que permitissem solucionar as questões que a revolução industrial e as novas tecnologias vieram impôr numa cidade não preparada para os receber.¹⁵

8) O advento da era da máquina provocou imensas perturbações no comportamento dos homens, em sua distribuição sobre a terra, em seus empreendimentos, movimento desenfreado de concentração nas cidades a favor das velocidades mecânicas, evolução brutal e universal sem precedentes na História. O caos entrou nas cidades. (Congresso Internacional de Arquitectura Moderna, 1933, p. 3)

A Grande Guerra transformou a Europa e o seu fim levou à sua reconstrução, assente na vontade de criação da infra-estruturas necessárias para garantir uma rápida recuperação da ecónomia e as condições de vida dignas para todos os seus habitantes, sob os auspícios de uma maior equidade social, reflexo do fim da era imperial e da hegemonia dinástica.

3.2. UMA NOVA ESCALA

Com a queda dos Impérios cai a necessidade de utilização dos símbolos que os representam no palco do espaço público. Já não cabe às cidades e à arquitectura falar de hierarquia e ser a representação dos poderes e assimetria social. A prática e o desenho da arquitectura abrem-se a uma nova fase que reflete sobre uma Europa liberta da guerra e do feudalismo imperialista. A arquitectura conhece uma fase de liberdade, aberta ao experimentalismo, enraizado nas premissas da funcionalidade e nas possibilidades das novas tecnologias e materiais, procurando uma linguagem representativa das capacidades intelectuais humanas e do seu desenvolvimento tecnológico.

As primeiras experiências de arquitectura moderna foram feitas no fim do século XIX com a aplicação de tecnologias construtivas e materiais da arquitectura industrial à arquitectura civil, recorrendo a uma arquitectura utilitária e funcional que possibilitasse o distanciamento dos estilos históricos e académicos. Ao mesmo tempo que a Europa se debatia em guerra parte da sua população mantinha-se à margem dos seus

¹⁵ Texto escrito com o apoio do livro *História universal, Volume 19: as guerras mundiais* (Navarro, 2005)

problemas. É neste período que Charles-Édouard Jeanneret (1887 – 1965) inicia o seu percurso com a construção dos seus primeiros projetos de habitação em La Chaux-de-Fonds em 1905, com apenas dezoito anos, denotando-se uma progressão nos seus trabalhos, que começam por ser caracterizados pelo uso de elementos pitorescos e se vão dissolvendo até à obtenção de um estilo marcado pela depuração clássica. (Monteys, 2005, 10-12).

Impressionado com as notícias sobre a devastação da região de Flandres, começa a estudar métodos construtivos que possam ser úteis no período pós-guerra. Desenvolve um novo tipo de estrutura que denomina Casa Dom-Inó (1914-1915), contracção das palavras *domus* e *innovation*, que tira partido das possibilidades estruturais do betão armado. A casa Dom-Inó propõe-se como um sistema de construção rápido e económico com múltiplas possibilidades de agregação de módulos. Constituída apenas por duas lajes de betão armado unidas por um lanço de escadas, a Casa Dom-Inó permitia a reutilização dos escombros de bombardeamentos da guerra na sua construção. (Monteys, 2005, p. 16).

Desenvolvendo uma abordagem cada vez mais racional para a arquitectura, lança a revista *L'Esprit Nouveau*¹⁶ e adopta o nome Le Corbusier, que marca o início da sua vida como arquitecto em 1920. Em 1922 abre o seu *atelier*, onde trabalha com Pierre Jeanneret (1896 – 1967), seu primo. Sintetiza as premissas para uma arquitectura moderna em Cinco pontos para uma nova arquitectura, que sintetizam as soluções-tipo que desenvolveu enquanto projectava e construía vilas privadas - projectos que usou como campo de estudo para a experimentação das soluções que queria implementar nos projectos mais ambiciosos em que começa a trabalhar. A sua prática teve início com a construção na pequena escala dos arredores de Paris, que lhe permitiu explorar as novas possibilidades construtivas e tecnológicas e desenvolver a sua abordagem analítica, pragmática e funcionalista à arquitectura, usando a construção dos seus projectos mais pequenos para testar numa escala menor as soluções que encontrava para responder às necessidades das problemáticas urbanísticas, verdadeiro destino de suas propostas, campo de trabalho e pensamento.

¹⁶ *L'Esprit Nouveau* - revista editada por Le Corbusier e Amédée Ozenfant (1886- 1966) – pintor cubista. O nome da publicação foi inspirado pelo manifesto de Guillaume Apollinaire, “L'Esprit nouveaux e les poètes”, que marcou o pensamento da época relativamente às vanguardas artísticas, procurando a revalorização do clássico numa relação de harmonia com o novo, através da contenção das formas e meios de expressão, marcando uma produção artística e arquitectónica menos iconoclasta. Le Corbusier aplicou “L'esprit nouveau” à arquitectura através do estudo dos diferentes estilos arquitectónicos de diversas épocas, procurando chegar a uma síntese do que considerava essencial e atemporal.

Neste contexto, de transformação da prática da arquitectura, e da alteração dos seus objectos de estudo e necessidades a que teria de responder, surgem os *Congrets Internationaux d'Architecture Moderne* – CIAM, primeiramente organizados por Le Corbusier, Sigfried Giedion¹⁷ e Hélène de Mandrot¹⁸. Hélène de Mandrot assume o papel de mecenas da Arquitectura Moderna, cedendo o seu castelo em La Sarraz, (Suíça), para a primeira reunião do grupo em 1928. O objetivo proposto por Le Corbusier para o primeiro CIAM foi a definição dos campos de estudo da arquitectura, dotando-a de um sentido comunitário e económico, fazendo da arquitectura uma arte social. Hélène de Mandrot diria que “o objeto principal e a finalidade que aqui nos reuniu, é juntar os diversos elementos da arquitetura contemporânea num todo harmonioso e dar à arquitetura um sentido, real, social e económico. A arquitetura deve, portanto, libertar-se da influência de Academias estéreis e suas fórmulas ultrapassadas” (Colin, 2008).

Neste encontro deveriam formular as premissas para a nova arquitetura e entender como aplicar as teorias modernistas a todos os aspectos técnicos, económicos e sociais da vida moderna, amplificando o campo de aplicação do modernismo aos vários domínios da arquitectura, como o paisagismo, urbanismo e ao design industrial. O grupo viu as suas ideias e os valores modernistas a influenciarem e determinarem o rumo cultural da sua época, principalmente, ao fazerem entender que a arquitectura pode ser utilizada ferramenta económica e política que, quando bem utilizada, consegue melhorar as condições de vida da população através do desenho digno e equitativo do ambiente em que nos inserimos.

Ao depurarem a arquitetura dos cânones académicos clássicos e do excesso ornamental, o modernismo permitiu o desenvolvimento de uma nova metodologia para a arquitectura e construção que a tornaria mais democrática. O uso dos materiais e tecnologias características da arquitectura industrial e o recurso a peças pré-fabricadas na arquitectura civil, permitiram a contenção de custos necessária para a atenuação da grande distância de qualidade de vida que se observava entre as diferentes classes sócio-económicas.

¹⁷ Sigfried Gideon (Suíça, 1888 – 1968), historiador e crítico de arquitectura. Foi professor na Universidade de Zurique, tendo saído da Suíça antes do início da 2ª Guerra Mundial, para leccionar na Universidade de Havard. As suas apresentações neste período, entre 1938 e 1939, deram origem a uma das suas principais obras, *Space, Time and Architecture: the growth of a new tradition*. Foi nomeado professor na nova escola de design da Universidade de Harvard, fundada por Walter Gropius, no ano de 1938. Escreveu, em 1948, *Mechanization takes command*. Em 1951 retornou aos EUA para leccionar no Massachusetts Institute of Technology e Harvard, onde reintroduziu história da arquitectura como disciplina do curso de arquitectura. Foi um dos mais importantes membros dos *Congrets Internationaux d'Architecture*.

¹⁸ Hélène de Mandrot (Suíça, 1867 – 1948), artista e mecenas da arquitetura moderna e arte.

O documento mais importante produzido pelos CIAM foi a “Carta de Atenas”, trabalho onde abordam as características que uma cidade deve possuir para garantir a qualidade de vida dos seus habitantes. Pretendendo ter uma função social e elevar a arquitectura a uma arte que servia a todos, os encontros CIAM (dez no total) tiveram como temática central o urbanismo, direccionando a prática e o pensamento da arquitectura à detecção de problemas e encontro de soluções para os desafios que o desenho do espaço urbano apresentava, face às alterações económicas profundas que se adivinhavam, o aumento de população urbana e o desejo de fazer da cidade um espaço que garantisse qualidade de vida.

2) Justapostos ao económicos, ao social e ao político, os valores de ordem biológica e fisiológica próprios do ser humano induzem no debate preocupações de ordem individual e de ordem colectiva. A vida só se desenvolve na medida em que são conciliados os dois princípios contraditórios que regem a personalidade humana: o individual e o colectivo.

3) Essas constantes psicológicas e biológicas sofrerão a influência do meio: situação geográfica e topográfica, situação económica e política. Primeiramente, da situação geográfica e topográfica, o carácter dos elementos água e terra, da natureza, do solo, do clima. (CIAM, 1933, p.1)

Apesar de se assumirem como funcionalistas o documento começa por abordar quais as condições naturais essenciais para o bem estar humano, só depois dissertando sobre a cidade enquanto ferramenta económica, política, histórica e como a projectar. Estes pontos da “Carta de Atenas” relembram-nos que apesar de funcionalistas e determinados a seguirem uma abordagem puramente racionalista, os arquitectos modernistas entendiam o ser humano como um ser natural e sensível ao seu entorno. Os modernistas procuraram encontrar uma solução viável para projetar um ambiente urbano em profundas transformações sociais e económicas e também de escala. A arquitectura e o urbanismo encontram o desafio de lidar com os constrangimentos da elevada densidade populacional, novos tipos de trabalho e tecnologias, os produtos e os ritmos da indústria como premissas que regem o dia a dia da população e do espaço urbano. Coube aos arquitectos modernistas como descobrir como lidar com a sociedade mecanizada e reinventar as formas de organização da cidade, que agora exige novos premissas na sua concepção.

Em 1922 Le Corbusier propõe a “Ville contemporaine pour trois millions d’habitants”, um plano urbano teórico com capacidade para um milhão de habitantes no seu centro, constituído por “Immeubles-ville” e um núcleo de edifícios cruciformes que abrigam escritórios. “Ville contemporaine pour trois millions d’habitants” é um projecto utópico, concebido para um território ideal, plano e sem acidentes, que procura uma solução

para a elevada densidade populacional urbana. Le Corbusier propõe a congregação de diferentes funções em diferentes tipos de edifício verticais de forma a condensar a área construída, libertando solo, através do agrupamento de edifícios por tipologia-função, numa estratégia de zonamento (Monteys, 2005, p. 21).

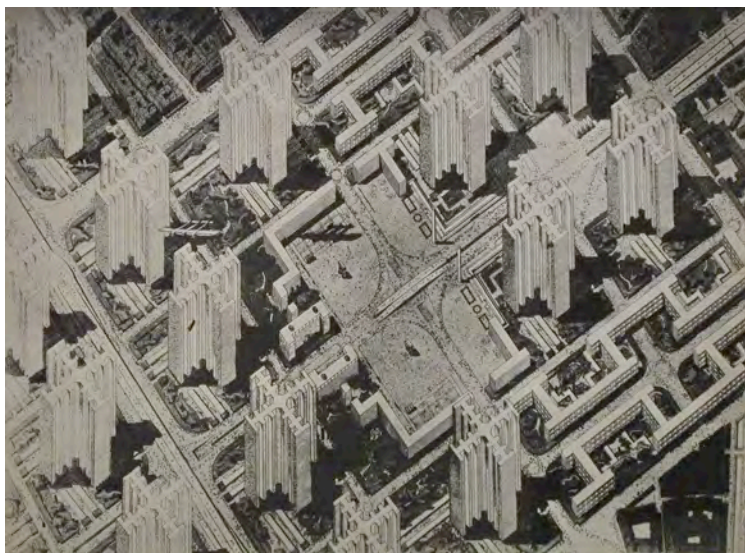


Ilustração 3 – “Ville Contemporaine pour Trois Millions d’Habitants”, Le Corbusier, 1922. (Wolfe, 2014).

Em 1924 Ludwig Hillberseimar¹⁹ propõe uma resposta radical e totalitária, pretendendo desenhar uma cidade de ruptura com os anteriores modelos e conceitos de espaço urbano. Hillberseimar propõe uma cidade sem zonamento e com apenas uma tipologia de edifício, rompendo com as noções de hierarquia que surgem ao longo da história no espaço urbano. Apresenta “*Vertical City*” como contraponto aos projectos de Le Corbusier, que se iam apresentando como a resposta do Movimento Moderno às questões do desenho do espaço urbano, baseadas na construção em altura, zonamento e libertação do solo. (Velazques, Barajas, 2008)

¹⁹ Ludwig Hillberseimar (Alemanha, 1885 – 1967), após terminar os seus estudos de arquitetura, trabalhou, a partir de 1919, desenvolveu em Berlim a sua atividade de arquitetura, tendo também colaborado com jornais enquanto crítico de arte. A partir de 1922 trabalha como arquiteto e urbanista, publicando ensaios sobre arquitetura moderna e planeamento urbano. Foi professor em Dessau a na Bauhaus, onde lecionou, entre 1929 e 1932, três disciplinas. Emigrou para os Estados Unidos da América em 1938, onde trabalhou para Mies van der Rohe (1886 – 1969), sendo também professor no Illinois Institute of Technology.



Ilustração 4 – *Vertical city*, Ludwig Hilberseimer, 1924, p.125, *Metropolisarchitecture & selected Essays* – Ludwig Hilberseimer

Em 1930 Le Corbusier orienta o projecto para uma nova cidade ideal que apresenta uma possibilidade de crescimento infinito, com os Estudos de urbanização para Montevideo, São Paulo, Buenos Aires e Rio de Janeiro (1929), contrária à concentridade da “*Ville Contemporaine pour trois millions d’habitants*”. Nesta estratégia urbana, que tira partido da localização e das condições geográficas do território onde se insere podemos adivinhar a influência que a sua viagem à América do Sul teve no seu trabalho. Na sua viagem registou através de apontamentos e desenhos a relação forte e indissolúvel entre a arquitectura e o território e a paisagem, impressionado pela forte relação entre o construído e o natural. Talvez como consequência da inspiração da natureza fértil, abundante e infinita, estudou e propôs possibilidades de cidades que pudessem crescer continuamente, em vez de se encerrarem e limitarem. A visão aérea do território foi fulcral para o desenvolvimento deste projecto, e a vista de pássaro, permitiu o desenvolvimento da cidade que surge das experiências da “*Ville radieuse*” (1930), denominação que será usada para o novo modelo urbano que estuda. (Monteys, 2005, p. 74).

Nesta época o pensamento sobre a cidade e a resolução de edifícios colossais comunitários tornam-se o seu principal foco de trabalho, assumindo a relevância que a arquitectura de grande escala tem na sua obra e como o veículo de transmissão da sua visão sobre a arquitectura. As suas propostas de modelos urbanos modernistas nascem do desenho de macro-escala, organizadora da cidade a partir de uma visão exteriorizada, *top-down*, com decisões estratégicas de organização do todo tomadas em conjunto com os órgãos de poder, aos quais a população urbana deve moldar a sua vida e uso do espaço.

Os planos urbanos modernistas actuam como planos organizadores do espaço físico das cidades, que se quer em consonância o tipo de desenvolvimento económico e

social a implementar. Com a ambição de redesenhar e organizar a cidade que proporciona a expansão da economia e da qualidade de vida da população, os grandes planos urbanos são estudados e desenhados a partir da vista aérea, fazendo da planta a principal ferramenta de trabalho, numa escala muito diferente da perspectiva humana, dificultando a criação de espaços correspondentes à micro-escala em que a vida diária do cidadão acontece.

Quando se dá a alteração do sistema comercial de pequena escala para um sistema económico globalizado de macro escala, é assumida a necessidade do aumento da escala das infra-estruturas de o servem, cada vez mais complexas. A nova economia requer um novo espaço. As escalas do volume de produção e a complexidade das infra-estruturas aumentam, assim como toda a logística que lhe é inerente, organizada segundo a premissa do lucro, que se torna o tema central da sociedade capitalista. A centralização de comércio e dos serviços privilegia um urbanismo baseado no zonamento, atribuindo tipos de programa e estratos sociais a diferentes zonas da cidade. A sociedade distância-se do desenvolvimento natural, expressão das suas necessidades, e constrói-se enquanto repercussão de uma estratégia pré-delineada. A nova estratégia de desenvolvimento é planeada entre governos e empresas, política e economia, estratégias e parcerias, que moldam o futuro. Beneficiando-se mutuamente, governos e empresas reestruturam as cidades e a economia mundial.

3.3. 2.^a GUERRA MUNDIAL

3.3.1. CONTEXTO E RESPOSTAS

Apenas nove anos após a 1^a Grande Guerra a Alemanha invade a Polónia num acto que conduzirá à 2^a Guerra Mundial (entre 1939 e 1945). A época foi marcada pela devastação profunda das cidades europeias e o fim da Guerra exigiu a reconstrução de grande parte do tecido urbano. Surge a necessidade de reconstrução rápida e económica das cidades de forma, e uma nova escala que albergasse a população em crescimento e que permitisse a existência da infra-estrutura adequada para a recuperação da economia, produção e da qualidade de vida dos cidadãos. Arquitectónicamente impuseram-se as estratégias modernistas como uma resposta natural e lógica para as questões levantadas no pós-guerra. A organização e solução do edificado em grandes blocos de betão isolados, ao invés de pequenos edifícios isolados, permite a criação de uma estruturas de fácil manutenção e menor custo. A

condensação de um quarteirão de edifícios num só bloco, permite a libertação do solo que, garante também a facilidade de manutenção do espaço público exterior, ocupado por artérias de circulação e jardins que marcam o loteamento dos blocos construídos. Esta é a descrição sucinta de uma cidade genérica modernista.

Apesar de regrado, racional e teóricamente funcional, os novos modelos urbanos que iam sendo experimentados e testados, revelavam-se pouco eficazes na construção e manutenção de tecido social vivo. A organização dos grandes blocos construídos dentro da grande escala do espaço público, pouco caracterizado e sem presenças que o pontuassem, para além da repetição dos edifícios, levaram à criação de um espaço público pouco convidativo para o utilizador.



Ilustração 5 – Cena do filme Playtime de Jacques Tati, 1967 (Manaugh, 2006))

Desde a 2ª Guerra Mundial e dos anos 1960 que a população urbana se caracteriza pela emergência de novos modelos familiares e grupos sociais, no entanto as tipologias de espaços urbanos mantêm-se basicamente os mesmos ao longo de toda a história moderna. Embora menos hierarquizadas, ou não revelando abertamente o seu hierárquico, baseado na capacidade económica, as cidades continuam a não oferecer o número de espaços e heterogeneidade necessários para uma população em rápida transformação.

When we talk about public space we do so about quite a formalized historical category, the very notion of public space is completely established. [...] we see how that space contains certain incrustated logics and codes. (Sassen, 2016)

Perdura a estrutura de ruas mistas onde coexiste circulação viária e pedonal e a alteração da escala a amplificação do espaço para formar praças, que permitem a observação desafogada para o valor simbólico que um determinado edifício transmite e incute ao espaço, assim com a existência de jardins, novidade do séc. XIX, que são

pensados como espaços de refúgio e lazer. Com poucas e pouco variadas oportunidades para a ocupação livre e espontânea do seu espaço público, a cidade foi estreitando as oportunidades da sua fruição, construindo um cenário que pouco acrescenta à experiência do dia a dia da população, por não ter a capacidade de sobrepôr um universo lúdico e onírico à vida do cotidiano.

3.3.2. ESPAÇO VÁCUO

Functionalism has killed creativity. It leads to a cold technocracy, in which the human aspect is forgotten. A building is more than the sum of its functions; architecture has to facilitate human activity and promote social interaction.” (Eyck, *apud* Oudenampsen, 2013)

A arquitetura moderna e depurada, na sua maioria simples e austera também, gerou uma fantasia de modernidade própria de uma era culturalmente assente nos avanços científicos e tecnológicos. As soluções e os produtos do desenvolvimento tornaram-se os temas centrais no planeamento urbano, mais do que proporcionar possibilidade de criação de laços humanos. O Movimento Moderno soube produzir cidades grandiosas e impressionantes, organizadas, e ordenadas, que permitiram o crescimento da economia mundial, no entanto, ao negarem o seu passado, geraram também centros urbanos onde não se lêem as características locais e onde não existe espaço para a surpresa. O urbanismo tornou-se um acto de planeamento de uma fantasia ordeira gerada a partir de uma perspectiva aérea que visa o alinhamento das ruas e a compartimentação do espaço pelas suas funções, que desenha os edifícios e liberta o solo, sem no entanto lhe atribuir uma função e sem ter em conta como é que as pessoas, os habitantes, gostam e precisam de usar a cidade.

The architects, planners—and businessmen—are seized with dreams of order, and they have become fascinated with scale models and bird's-eye views. This is a vicarious way to deal with reality, and it is, unhappily, symptomatic of a design philosophy now dominant: buildings come first, for the goal is to remake the city to fit an abstract concept of what, logically, it should be. (Jacobs, *apud* Tseng, 2011)

A cidade modernista torna-se uma reinterpretação dos *Boulevards* de Paris, replicando a mesma solenidade e escala do espaço público, não funcionando como espaço utilitário, antes cumprindo uma função teatral, encenando um espaço público. A cidade modernista padece do mesmo, tendo sido pensada como a organização de um sistema geral, de macro-escala, sem colocar na génese do seu pensamento os habitantes e a criação dos espaços de fruição e lazer que os sirvam.



Ilustração 6 – “WPA worker puts the finishing touches on a late-1930 model of downtown Los Angeles”, California Historical Society Collection/USC Libraries. (Masters, 2015).

The remarkable intricacy and liveliness of downtown can never be created by the abstract logic of a few men. Downtown has had the capability of providing something for everybody only because it has been created by everybody. So it should be in the future; planners and architects have a vital contribution to make, but the citizen has a more vital one. It is *his* city, after all. In short, will the city be any fun? The citizen can be the ultimate expert on this; what is needed is an observant eye, curiosity about people, and a willingness to walk. He should walk not only the streets of his own city, but those of every city he visits. (Jacobs, *apud*. Tseng, 2011)

No século XX assistiu-se a uma tendência de planeamento urbano baseado no desenho do bloco construído e dos seus edifícios, amplificando-se a escala do espaço vazio não caracterizado, sem função específica e possibilidades para a sua ocupação. O que começou como um depuramento estético e construtivo que abdicava dos excessos decorativos para não encarecer a construção, e assim democratizar o acesso à habitação, rapidamente se tornou um estilo em voga. Se o ornamento excessivo é “crime”, também a depuração forçada o é, principalmente se adoptada como estratégia programática para o espaço urbano. Uma cidade que não incute nos seus espaços públicos a caracterização necessária e funções específicas, de forma a garantir a variabilidade de escalas, heterogenidade de ambientes, ritmo e surpresa, acaba por se tornar uma escultura inanimada. O espaço vazio, sem programa e sem possibilidades de ocupação torna-se a face exterior da cidade construída, artérias de ligação entre edifícios nas quais surgem poucas oportunidades.

Em 1934 Cornelis van Eesteren (1897 – 1988), president dos CIAM, apresenta um plano de desenvolvimento urbano para Amesterdão, “Algemeen Uitbreidingsplan”, projectado a partir da análise de dados estatísticos demográficos e de circulação

viária. A análise dos dados e a estratégia de zonamento adoptada levaram à proposta de aumento do centro económico de Amesterdão para o centro histórico da cidade. Esta expansão obrigaria à adequação do antigo tecido construído às novas necessidades de circulação viária e à criação de uma rede de transportes públicos que implica a destruição de património. O plano foi travado pela forte contestação popular, o que nos mostra como no final pode ser mesmo a população a definir a cidade, e que sua organização e participação no debate público pode mudar o rumo da decisão política.

É em Amesterdão que encontramos, nesta época, um exemplo feliz de intervenção no tecido urbano. Aldo van Eyck²⁰ membro dos CIAM, desenvolveu o seu trabalho de arquitetura no departamento de desenvolvimento urbano de Amesterdão até 1959, sob a supervisão de Cornelius van Esteren²¹. Nos CIAM revelou-se um dos membros que mais activamente contestava os métodos e a abordagem modernista nos projetos de planeamento urbano. Na revista *Forum*, Aldo van Eyck assumiu a sua visão. No CIAM de Otterlo, 1959, Aldo Van Eyck e Jaap Bakema²² tornam pública a proposta de uma nova abordagem à arquitetura, que procuravam tornar mais participativa e modular, de forma a humanizar a prática e ultrapassar a crítica e características menos positivas que o modernismo vinha a implementar nas cidades.²³ Os CIAM vêem o seu fim e surge o Team 10²⁴, que propunha o estruturalismo²⁵ em detrimento do racionalismo e funcionalismo puro do modernismo.

²⁰ Aldo van Eyck (Holanda, 1918 – 1999), foi um dos protagonistas do movimento estruturalista da arquitetura moderna. Formou-se em 1942 e após a obtenção do seu grau académico, permaneceu na Suíça até ao fim da 2ª Guerra Mundial, onde conhece Sigfried Giedion. Entre 1954 e 1959 lecionou na Amsterdam Academy of Architecture e entre 1966 e 1984 na Delft University of Technology. Foi editor da revista de arquitetura *Forum*, membro dos CIAM e co-fundador do Team 10. Apresentou conferências na Europa e América do Norte, apelando à rejeição do funcionalismo, pela falta de criatividade a que o modernismo do pós-guerra vinculou a arquitetura, defendendo a humanização da arquitetura. Em 1980 foi laureado pela RIBA Royal Academy.

²¹ Cornelius van Esteren (Holanda, 1897 – 1988), arquiteto e urbanista, desenvolveu em 1934 o “General expansion plan” para Amesterdão, que foi aplicado após o fim da 2ª Grande Guerra. O seu trabalho levou a que se tornasse uma das figuras de influência para o urbanismo modernista, tendo sido também presidente dos CIAM:

²² Jacob Berend (Jaap) Bakema (Holanda, 1914 – 1981), arquiteto modernista, notável pelos seus projetos de habitação social e pelo trabalho desenvolvido no projeto de reconstrução do Roterdão após o fim da 2ª Guerra Mundial. Foi convidado a participar no CIAM em 1946, e em 1955 passou a desempenhar a função de secretário geral dos congressos. Ficou, juntamente com os futuros membros do Team 10, encarregue de organizar a decimal edição dos CIAM. Em conjunto com Aldo van Eyck, foi editor da revista holandesa *Forum*. Descrevia a sua arquitetura como Espaço Total, numa visao idílica e quase cosmogénica que poderia ser o ambiente construído humano.

²³ Texto redigido a partir de informação disponível na plataforma *online Architectuur*

²⁴ Team 10, também denominado Team X, formou-se em 1953, no nono CIAM, agregando arquitetos e pensadores que rejeitavam os métodos de planeamento urbano modernistas. Os seus membros mais ativos foram Jaap Bakema (1914 – 1981), George Candilis (1913 – 1995), Giancarlo de Carlo (1919 – 2005), Aldo van Eyck, Alison (1928 – 1993) e Peter Smithson (1923 – 2003) e Shadrach Woods (1923 -

Nem todos os arquitectos, e principalmente os artistas, se reviam e concordavam com a abordagem e reposta modernista às questões do urbanismo e da produção industrial. Aldo van Eyck projectou centenas de parques infantis para Amesterdão, primeiro como arquitecto do Departamento de Urbanismo da cidade e a partir de 1952 em nome próprio. Entre 1947 e 1978 forma construídos setecentos parques infantis para acompanharem o crescimento demográfico do baby boom pós-guerra e as necessidade de espaços específicos para as crianças brincarem. O primeiro parque infantil de Aldo van Eyck foi construído em Bertelmanplein, como caso de estudo e campo de experimentação. (Oudenampsen, 2013).



Ilustração 7 – Aldo van Eyck, the playgrounds and the city (Fuchs, 2002)

Os parques infantis representaram a oportunidade para Aldo van Eyck testar as suas ideias sobre a arquitectura, onde queria explorar as possibilidades da relatividade hierárquica baseada no estabelecimento de relações entre os elementos, e as

1973), que se definiam como um grupo que necessitava do encontro e debate entre si para entenderem a sua própria prática arquitectónica, assim demonstrando o informalismo que defendiam. Dos encontros do grupo e do seu corpo de trabalho, prático e teórico surgiram dois ramos principais de atuação e pensamento, New Brutalism, explorado por Alison e Peter Smithson, e Estruturalismo, explorado por Aldo van Eyck e Jaap Bakema.

²⁵ Estruturalismo é uma corrente do pensamento que, ao invés de investigar os conceito e os seus significados, usa o princípio associativo, dissecando e estabelecendo o conjunto de relações que definem e configura o objeto a estudar. Na arquitetura e planeamento urbano, encontra a sua expressão através do entendimento das vias de comunicação que servem e estabelecem o lugar e criação de um ambiente unitário, através da aplicação conjunta de conceitos aparentemente opostos, que torna difusos os limites entre diferentes conceitos espaciais.

possibilidades que a imaginação e vontades do utilizador podem trazer ao espaço. Esta é uma metodologia conceptual radicalmente diferente da modernista por, ao invés de definir um todo, cria as condições para a utilização do espaço, deixando em aberto grande parte do jogo da apropriação e interpretação. (Oudenampsen, 2013).

Aldo van Eyck desenhava também os equipamentos dos seus parques infantis, que tornava minimalistas de forma a estimular a imaginação das crianças. Círculos de areia, meias esferas, barras metálicas que se permitiam à interpretação livre de quem as usava e uma apropriação espontânea. Eram também usadas as características dos lotes e da sua relação com a envolvente trabalhando de forma sensível ao lugar, melhorando-o onde necessário e adequando-o à função que irá passar a desempenhar, sem recorrer à *tabula rasa*. Desta forma, Aldo van Eyck possibilitava a ocupação livre e a participação dos habitantes na construção do lugar, humanizando a cidade moderna. (Oudenampsen, 2013).

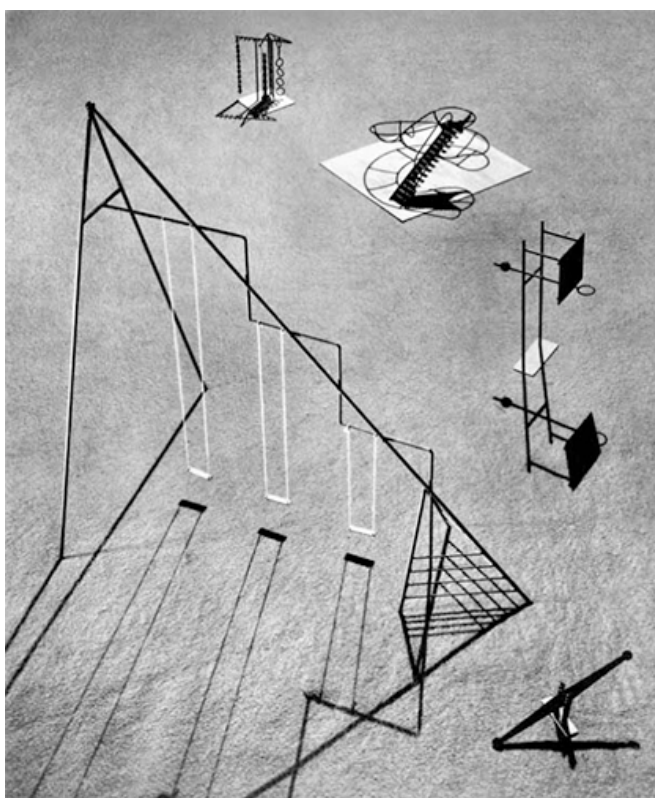


Ilustração 8 – *Play Mountain* de Isamu Noguchi, 1939 (Lange, 2019)

3.4. O PROPÓSITO DO DISPARATE

“Who ever said that pleasure wasn’t functional? Take your pleasure seriously”.²⁶

Homo Ludens (1938) de Johan Huizinga (1872 – 1945) foi apresentado em Zurique, Viena e Londres no ano de 1903. Huizinga defende no seu livro a integração e compreensão do conceito do lúdico e da sua existência naquilo que se designa como cultura, não abordando o tema a partir da sua natureza biológica mas sim como um acto cultural, numa leitura histórica, e não científica, dos actos lúdicos e do seu valor, e de como o *ludus* era celebrado e praticado ao longo dos séculos, em várias culturas, com diferentes propósitos.



Ilustração 9 – Retrato de Alexandre O’Neill com as mãos de Vespeira e Nora Mitrani, Fernando Lemos, 1939. (JO, 2015).

Brincar preenche um lugar na programação biológica, não sendo exclusivo do ser humano. Também os animais brincam e é a brincar que as crias de mamíferos começam a aprender comportamentos e a treinar capacidades essenciais para a sua sobrevivência futura. No entanto, no ser humano, o sentido do lúdico e do brincar transpõe a necessidade biológica e das necessidades básicas. É um momento de exploração, aprendizagem, celebração e transcendência. (Huizinga, 2003).

O lúdico pode tomar tais proporções que chega mesmo a ser uma assunto sério. Vejam-se os Jogos Olímpicos, os jogos no Coliseu Romano, Justas de cavaleiros na Idade Média e torneios, duelos, casinos, a mortífera roleta russa, e várias sociedades

²⁶ Frase atribuída a Charles Eames (1907 – 1978) que quisemos incluir, embora não tenha sido possível confirmar a fonte de citação.

e épocas a explorarem a sua observação como forma de entretenimento, normalmente cruel. Brincar pode assumir variadas formas e servir funções e momentos diferentes, mas em todas elas se encontram os mesmos elementos: a possibilidade de durante um determinado período de tempo, podermos explorar novas possibilidades de existência através da suspensão de aplicação das habituais regras de conduta. O ser humano, gregário, tem no brincar uma ferramenta cultural e de relação consigo e com o outro. Ao brincar, fazer de conta, jogar, descobrem-se novas facetas e possibilidades. (Huizinga, 2003).

Se a sociedade do consumo é vivência da expansão da sobrevivência, o lúdico pode ser visto como o uso de energia vital para algo que vai além da satisfação das necessidades básicas, podendo ser encarada como uma ferramenta para a evolução da sociedade e da espécie, como um tempo sagrado que transcende a operatividade. Nas civilizações ancestrais e clássicas gregas e romana, o *ludus* tem o seu lugar enquanto marco no calendário, que o incorpora nos seus rituais de celebração do sagrado. Veja-se Baco e Dionísio. A saída da norma e a utilização da imaginação e do faz de conta podem possibilitar momentos de crescimento do próprio pela expansão do pensamento e consciência. Podem proporcionar momentos de compreensão intuída, sentida, de que existem possibilidades para além daquelas para as quais a nossa mente nos direcciona habitualmente e também diferentes daquelas que nos costumam ser mostradas.

Esta evasão às normas é feita dentro das regras específicas do jogo a jogar e dentro de um espaço-tempo físico e simbólico previamente definido e delimitado. Um *role play* com regras e pré consentimentos, dentro do qual tudo é possível. O contacto com o conceptual e o abstracto inspira o pensamento criativo, não normatizado, permitindo a abertura a possibilidades de valores e práticas que, enquanto sociedade, podemos criar e viver.



Ilustração 10 –Auto-retrato, Fernando Lemos (Lemos, 1949).

Falamos da cidade como um grande laboratório de experimentação, em tempo real, do que é fazer cidade, um local construído para um número elevado de pessoas viverem em conjunto. Esse laboratório permitiria o uso do espaço público livre e espontâneo e uma vivência dos seus espaços diversificada, longe das premissas de desenho das tipologias urbanas iconográficas que mais recorrentemente vemos aplicadas - ruas, praças, jardim, estrada. A cidade deveria ser uma possibilidade de interação, onde todos possam experimentar em terreno seguro, estados de expansão de consciência proporcionados pelas alegrias do lúdico e a diversidade que este pode permitir. O lúdico tem um dos seus valores na possibilidade de escape e faz-de-conta, permitindo a suspensão momentânea das normas e vivências do dia a dia.

Uma cidade que usa o seu espaço público para a satisfação e enriquecimento do mundo interior de cada um de nós. Fazer das Cidades Invisíveis (1972) de Italo Calvino (1923 – 1985) uma realidade, apropriando-nos das oportunidades que surjam para a criação de espaços especiais, inspiradores, apropriáveis e dinâmicos. Ao arquiteto cabe o papel participar na construção de cidades que deixem de ser normativas e de responder a um modelo sonâmbulo. Que as cidades se façam e se construam, oportunidade a oportunidade, momento a momento, situação a situação, reflexo das diversas mentes que a habitam.

3.4.1. NEW BABYLON



Ilustração 11 – New Babylon, de Constant Nieuwenhuys, 1956. (Woods, 2009)

A formalização da possibilidade de evasão e encontro foi proposta por Constant Nieuwenhuys²⁷ com o seu projecto utópico para “New Babylon”²⁸, uma estrutura modular simples com potencial de crescimento infinito, construída, ou montada, acima do nível do chão. “New Babylon” existiria elevada e não serviria os princípios básicos de abrigo-deslocação-trabalho, uma experiência urbana fora dos constrangimentos rotineiros a que a sociedade se moldou desde a revolução industrial e onde a “exaltação da aglomeração e a criação de situações e ambiências são o principal alicerce. Durante anos, quase vinte, Constant procurou dar sentido a uma visão da urbe como obra de arte total.” (Ramalho, 2014)

“Nós reclamamos a aventura. Não a encontrando mais na terra, alguns vão procurá-la na lua. Nós apostamos primeiro, e sempre, numa mudança na terra. Propomo-nos criar situações e situações novas”. (Ramalho, 2014)

Em “New Babylon” não existe o conceito de habitação fixa nem espaços de trabalho e deslocação mas uma nova concepção de *habitat* colectivo com o máximo de espaço social (Ramalho, 2014). O projeto propõe um ecossistema de ambientes diversificados que poderiam ser apropriados e explorados, proporcionando uma vida caleidoscópica de experiências vividas ao sabor do passeio e da vontade. Aos seus habitantes seria mais adequado chamar utilizadores nómadas do espaço e exploradores do seu potencial. “New Babylon” é uma expressão materializada da exploração do conceito de

²⁷ Constant Nieuwenhuys (Holanda, 1920 – 2005), artista e um dos membros fundadores da Situcionista Internacional, na qual colaborou ativamente sendo, juntamente com Guy Debord, um dos seus principais teóricos. Iniciou em 1956 o seu projeto utópico para New Babylon, no qual trabalhou 20 anos.

²⁸ “New Babylon” é um projeto de arquitetura utópica desenvolvido por Constant Nieuwenhuis a partir de 1956. O projeto foi inspirado pela vista de um acampamento de ciganos, possibilitando uma vida nómada urbana através da automatização e abolição da noção de propriedade.

infinito e uma a premonição do que mais tarde surgiria enquanto espaço virtual com a internet. Sem apegos e sem propriedade, o sujeito pode explorar livremente, e contribuir directamente, a partir das suas apropriações e intervenções, na construção do espaço comunitário e colectivo. “A nossa concepção de urbanismo é portanto social” (Constant, *apud*. Ramalho, 2014).

Nesta perspectiva o espaço público não é a junção do espaço construído e ocupado e dos seus vazios. É também, e principalmente, o que não existe materialmente e o que cada um pode fazer. Toda a nossa acção é uma manifestação no espaço público.

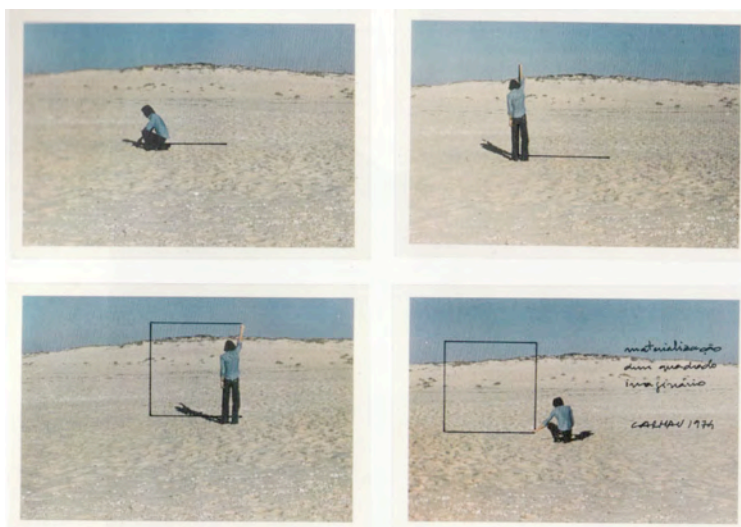


Ilustração 12 – Materialização de um quadrado imaginário, Fernando Calhau. (Calhau, 1974).

Com a consciência da importância da exploração e construção do eu, Constant propõe que a cidade se torne uma experiência que possibilita o crescimento e libertação de cada um. “New Babylon” pretende ajudar cada um a atingir o seu potencial máximo, para que o colectivo evolua.

O nosso domínio é portanto a rede urbana, expressão natural de uma criatividade coletiva, capaz de compreender as forças criativas que se libertam com o declínio de “Se o projecto que acabámos de traçar em grandes linhas corre o risco de ser considerado um sonho fantasioso, nós insistimos no facto de que ele é realizável do ponto de vista técnico, que ele é desejável do ponto de vista humano e que ele será indispensável do ponto de vista social. A insatisfação crescente que domina toda a humanidade chegará a um ponto em que seremos todos levados a executar projectos para os quais temos meios; e que podem contribuir para a realização de uma vida mais rica e realizada.” (Constant, *apud*. Ramalho, 2014)

3.4.2. CRÍTICA DEBORDIANA E ESTRATÉGIAS SITUACIONISTAS

Guy Debord²⁹ inicia em 1952 o seu trabalho de produção de filmes de análise e crítica da sociedade que via à sua volta, estagnada e estagnadora. Como seria possível darem-se tantas alterações nas estruturas sociais, laborais e o desenho e modos de habitar a cidade manterem a mesma ordem de escala, espaços, ambiências e possibilidades de utilização?

A cidade desenha e contrói uma hierarquia que coloca o trabalho e a deslocação automóvel no topo da pirâmide. A hegemonia do automóvel sobre o desenho e vivência da cidade torna-se prepotente e consumidora de espaço vital excessivo. “O defeito de todos os urbanistas consiste em considerarem o automóvel individual (e os seus subprodutos, do tipo *scooter*) essencialmente como um meio de transporte. Nisto reside a principal materialização duma concepção de felicidade que o capitalismo desenvolvido tende a disseminar em toda a sociedade” (I.S., 1997, p.49). Toda a infraestrutura necessária e construída para servir o automóvel - estradas e estacionamento, é espaço não utilizado para servir a população na sua vida quotidiana. “Querer refazer a arquitectura em função da existência actual, maciça e parasitária, dos carros individuais, é deslocar os problemas com um grave irrealismo” (I.S., 1997, p.49). Considerar-se o automóvel como principal forma de deslocação e contemplar-se o seu uso como o meio de transporte a usar por todos durante o projecto de uma cidade é profundamente limitador da possibilidade de criação de espaços públicos de sociabilização, não só pelo espaço que a infra-estrutura ocupa mas também pela violência com que atinge a população (área, ruído, etc) e pelo modo de vida que propõe, e para o qual subrepticamente encaminha a população.

Breton had proffered to Le Corbusier that modernist functionalism was “the most unhappy dream of the collective unconscious”, a “solidification of desire in a most cruel and automatism.” (Sandler, 1999, p. 2)

As vias que anteriormente serviam para a circulação de pessoas serviam agora para a circulação de tráfego automóvel. Os passeios, antes espaços mediadores entre a rua e o espaço edificado privado são agora o espaço residual para a circulação de peões. “Temos de passar da circulação como suplemento do trabalho à circulação como prazer” (I.S., 1997, p.49). A estrada não serve o propósito de criar cultura e comunidades antes desvincular e desagregar as partes. Guy Debord assiste à

²⁹ Guy Debord (França, 1931 – 1994), teórico, cineasta, poeta e revolucionário, foi um dos fundadores da Letrista Internacional (1952 – 1957) e da Internacional Siituacionista (1957 – 1972). Autor da Sociedade do espectáculo.

implementação dos novos planos urbanísticos para Paris, executados numa campanha de modernização e actualização da antiga e característica cidade aos novos parâmetros de vida e necessidades da sociedade do consumo.

““O hábito é o processo natural através do qual o desejo (satisfeito, realizado), se degrada em necessidade [...]. Mas a economia actual está em contacto directo com a fabricação de hábitos, e manipula pessoas sem desejos (IS 7/17)”. O capitalismo cria continuamente necessidades artificiais que nunca foram desejos e que impedem a realização de desejos autênticos.” (Jappe, 2008, p. 166)

Marcos arquitectónicos antigos, lugares de encontro são demolidos, cafés históricos e mercados tradicionais são arrasados para dar lugar à infra estrutura que uma megapólis requer. As estruturas de comércio tradicional presentes nos bairros são também demolidos. Destroem-se negócios familiares e laços comerciais de pequena escala entre produtores e distribuidores para dar lugar a um comércio de maior escala e organização centralizada. Bairros tradicionais, de ruas estreitas e escala de construção harmoniosa para o habitante são arrasados demolidos para dar lugar a quarteirões de geometria perfeita e ruas largas, desenhadas para a circulação automóvel.

As vias que anteriormente serviam para a circulação de pessoas serviam agora para a circulação de tráfego automóvel. Os passeios, antes espaços mediadores entre a rua e o espaço edificado privado são agora o espaço residual para a circulação de peões. A estrada não serve o propósito de criar cultura e comunidades antes desvincular e desagregar as partes. Guy Debord assiste à implementação dos novos planos urbanísticos para Paris, executados numa campanha de modernização e actualização da antiga e característica cidade aos novos parâmetros de vida e necessidades da sociedade do consumo. Marcos arquitectónicos antigos, lugares de encontro são demolidos, cafés históricos e mercados tradicionais são arrasados para dar lugar à infra estrutura que uma megapólis requer. As estruturas de comércio tradicional presentes nos bairros são também demolidos. Destroem-se negócios familiares e laços comerciais de pequena escala entre produtores e distribuidores para dar lugar a um comércio de maior escala e organização centralizada. Bairros tradicionais, de ruas estreitas e escala de construção harmoniosa para o habitante são arrasados demolidos para dar lugar a quarteirões de geometria perfeita e ruas largas, desenhadas para a circulação automóvel.³⁰

³⁰ Texto escrito com o apoio do livro The situationist city (Sadler, 1998)

O fim dos antigos bairros tradicionais é também uma acção política de controlo da população, e a sua substituição por uma malha regrada, desenhada e burocratizada, era uma forma de o poder político e órgãos de justiça terem maior facilidade de conhecimento dos espaços numa época de tumulto e agitação social iminente. Se em bairros tradicionais o crescimento é sinuoso, orgânico, feito ao longo do tempo, tirando proveito das necessidades e oportunidades, a sua configuração exacta não burocratizada na sua totalidade. Só quem lá habita conhece verdadeiramente os espaços, ruas e ruelas, os becos e as passagens. As reformas urbanísticas vieram pôr fim a essa cidade que se foi deixando construir a si própria, e criaram um espaço onde seria mais fácil conter as funções e controlar o mercado e movimentos.

The wanderer, the stroller, the flâneus and the stalker – the names may change but[...] the act of walking is ever presente in this account. This act of walking is an urban affair and in citties that are increasingly hostile to the pedestrian, it inevitably becomes an act of subversion. (, 2010, p.12)



Ilustração 13 – Cena do filme, *Alphaville*, Jean Luc Godard, 1965. (Yoshioka, 2019).

Assim como o calendário católico se apoiou e gravitou em torno das épocas das celebrações pagãs para estabelecer o seu calendário, os planos modernistas ancoram os seus pontos chave em marcos da cidade, nos lugares antes utilizados e cheios de vida. No entanto essa ancoragem não foi feita tirando partido da utilização e frequentadores do espaço, apenas da sua localização geográfica. Em Paris o mercado de Les Halles torna-se uma bandeira dos que se insurgiam contra os novos ideais urbanísticos e a máquina que os viria a implementar. Guy Debord começa o seu trabalho de produção de peças filmadas experimentais onde faz apanhados inebriantes, caóticos e difusos da vivência das ruas parisienses e seus habitantes.

Inícia também a escrita de textos e manifestos, tornando-se em pouco tempo um dos principais e mais prolíferos colaboradores da *International Situacionista (I.S.)*



Ilustração 14 – Les Halles antes da sua demolição, 1971, STF/AFP (Loyd, 2016).

O movimento situacionista teve o seu início quando o *International Movement for an Imaginist Bauhaus*, a *Lettrist International* e a *London Psicogeographical Association* (representada pelo seu único membro conhecido) se encontraram em Julho de 1957.

A *Lettrist International* (1952-1957), representada por Guy Debord trabalhava o pensamento minimal e conceptual, com “a convicção de que o mundo inteiro deve primeiro ser desmontado para depois ser reconstruído, já não sob o signo da economia, mas sob o da *criatividade* generalizada” (Jappe, 2008, p.67). A *Imaginist Bauhaus* e o seu fundador, Asger Jorn, tinham uma abordagem expressionista a toda a produção artística. Embora os dois grupos fossem muito diferentes na estética e tipo de trabalho que produziam, tinham em comum o facto de procurarem a realização da revolução social e de terem na política e sociedade e desenvolvimento e liberdade da humanidade o seu campo de estudo e produção artística. Os situacionistas começam a explorar o estudo do urbanismo, design e arquitectura, campos que nenhum dos membros haviam estudado mas que começaram a entender serem fulcrais o seu estudo e análise para conseguirem operar verdadeiras mudanças da vida do dia a dia e na arte e sua produção e entendimento.

A seu ver o exercício da arquitectura e do design haviam chegado a um ponto de depuração e racionalismo funcional de tal ordem que apenas conseguiam produzir peças e espaços estéreis, sem qualquer possibilidade ocupação e relação empática e espontânea. “we are bored in the city, there is no longer any Temple of the Sun” (Chtcheglov, apud. Coverley, 2010, p.84). Defendiam e aguardavam a possibilidade de

os arquitectos, designers e artistas voltarem a trabalhar sob as premissas da imaginação experimental, na criação de uma realidade urbana variada e inspiradora. Os situacionistas partilhavam e usavam uma linguagem e trabalho experimentalista nas suas formas de análise e de expressão das suas ideias. No seu trabalho e estudos usavam técnicas por si desenvolvidas como a psicogeografia - análise das emoções e comportamentos que os ambientes induzem, *détournement* - apropriação de algo já existente, inculcando-lhe um novo significado pelo contexto em que é usado, “ uma espécie de “colagem” que reaproveita elementos já existentes para novas criações” (Jappe, 2008, p.67), e deriva – “divagações sistemáticas” (Jappe, 2008, p.67), que permite combater a monotonia urbana pela vivência intensa dos seus espaços, numa passagem rápida ou extremamente lenta entre ambientes, ou o uso de circuitos aleatórios mas que seguem um fio conductor pré-escolhido, é uma forma de viver o espaço urbano intensificada que pretende levar o indivíduo a um estado alterado de consciência pela intensidade do ambiente em que se insere ou pela passagem rápida entre ambientes, de forma a viverem a cidade sob uma nova perspectiva e assim tentarem encontrar novas possibilidades no espaço.

A I.S. pretendia participar na transformação da sociedade cujo “ponto de partida era “a superação da arte”” (Jappe, 2008, p.67), e inspirar uma revolução na forma de viver a vida quotidiana, fazendo da própria vida arte. Para transmitirem as suas ideias começaram a explorar o uso dos meios usados pela sociedade do espectáculo que criticam fortemente. Numa abordagem neo-dadaísta, os situacionistas apropriam-se de slogans e imagens produzidas pela sociedade do consumo, reordenando-as, descontextualizando-as de forma a alterarem o seu discurso e o objectivo da comunicação e mensagem vinculada. As apropriações neo-dadaístas eram uma prática comum da I.S. que se deixava encantar por objectos do quotidiano, lugares baldios ou de desenho estranho, construção vernacular e design industrial puro, cultivando o gosto por todas as expressões que encontrassem que não fossem fruto do pensamento racional modernista, e da sua depuração funcionalista. “Situationism was founded upon the belief that general revolution would originate in the appropriation and alteration of the material environment and its space.” (Sandler, 1999, p. 13).

Le Corbusier inculcou em muitos dos seus projectos mais tardios um sentido de informalidade e espontaneidade na utilização nos espaços que criou, deu uso à conjugação de materiais e cores e chegou a deixar expostas tubagens de canalização. No Convento de La Tourette (1957 - 1960) e na Igreja de Ronchamp (1950 - 1953) cria estruturas de um primitivismo orgânico, quente, telúrico, rico e empático que muito se

afastam das suas primeiras obras icónicas e iconográficas para o movimento moderno, como a Vila Savoie (1929). O Bloco de Marselha (1946 - 1952) funciona como uma unidade independente, um falangestério modernista que tem a sua cobertura pontuada por totems que dão significado ao espaço.



Ilustração 15 – Cobertura do Bloco de Marselha., René Burri. (Vitra Design Museum, 2017).

Se as primeiras obras de Le Corbusier foram importantes aquando a sua construção como manifestos, que permitiram abertura da prática da arquitectura e o modo de a pensar, gerando novas possibilidades e premissas conceptuais abstractas, tiveram também repercussões menos positivas pela propagação *naive* das suas formas.

A aplicação dos princípios lançados no Movimento Moderno são utilizados enquanto modelo estético disfarçado de funcionalismo, circunscreviam a arquitectura à mesa de desenho, não contemplando o momento da sua utilização. Se a metodologia modernista tende a não incluir a fase de utilização enquanto premissa de projecto, poderá apresentar dificuldades na criação de um espaço que se quer eminentemente social, como é o da cidade. O Modernismo aparenta fechar os limites da sua criação ao trabalhar a partir de um pensamento exteriorizado, em vista de pássaro, para o desenho do objecto-forma, não pensado a partir do lado humano da sua utilização.

O racionalismo e funcionalismo podem gerar cidades iconograficamente belas, mas pouco apropriáveis pela ausência da contemplação do lado social da arquitectura.

And so situationism took over the negotiations between reason and imagination , and between the individual and the social, that André Breton had once tried to pursue with

Le Corbusier, when Breton had proffered his opinion to Le Corbusier that modernist functionalism was “the most unhappy dream of the collective unconscious”, a “solification of desire in a most violent and cruel automatism.” (Sandler, 1999, p. 8)

James Stirling and Alison and Peter Smithson and Independent Group historian Reyner Braham were confronted by the plain evidence that a modern movement icon had been built by bricklayers, not machines. (Sandler, 1999, p. 9)

Preocupados e desencantados com o rumo a que o governo sujeitava Paris, a I.S. inicia uma série de estudos sobre o tecido da cidade através de registos de estudos sensoriais, e de novas possibilidades de leitura, entendimento e usufruto da cidade. Daí resultaram os icónicos mapeamentos, que pela sua qualidade e beleza estética acabaram por distrair a grande maioria dos que os viram e vêem. Mais do que estudos sobre os quais repensar a forma como se faz e pensa cidade e urbanismo muitos vêem apenas peças gráficas. Irónicamente, o fruto do seu trabalho caiu nos termos de apreciação da sociedade e formas de espectáculo que criticavam. Um revés que demonstra o quanto os modos da cultura do espectáculo e o seu simplismo entrou na cultura de massas e alterou o seu modo de pensar e de apreciação.

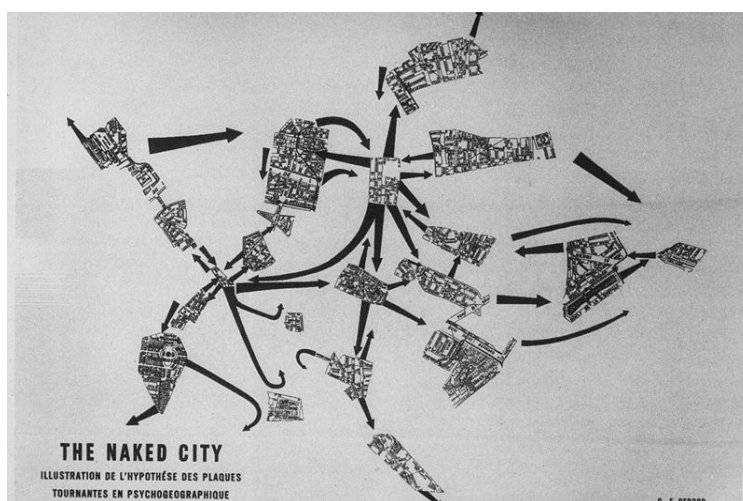


Ilustração 16 – Naked City de Guy Debord, 1957, (Sadler, p. 60)

Como alerta Simon Sadler (n. 1968), “this sense of the spectacle was the barrier, rather than the gateway, between the avant-garde and the making of a better world. Situationists insisted that the spectacle was merely a manufactured worderment, a hype that concealed real processes of exploitation” (Sadler, 1999, p. 16), entendendo o quão enraizados estavam os termos e meios do espectáculo Guy Debord e Asger Jorn trabalharam profusamente, e por saturação, os seus argumentos de forma a parodiar e fazê-los cair no seu próprio ridículo em Fin de Copenhague (1957).

Whatever you want, it's coming your way- plus greater leisure for enjoying it all. With electronics, automation, and nuclear energy, we are now entering on a new Industrial Revolution wich will supply our every day need, easily... quickly...cheaply... abundantly... (Debord, Jorn, 2019, p. 12)

Não concordando com o trabalho como o objectivo da existência, os situacionistas procuravam uma cidade que permitisse a exploração, encantamento e o sonho e verdadeiramente feita de ligações. Procuravam tais características nas cidades que habitavam, através dos seus métodos de passeio e vivência do dia a dia, que lhes permitiam a criação de uma outra realidade dentro da que habitavam. “[...] the spirit of playful creativity was soon to be transformed into one of the more overt political protest” ((Coverley, 2012, p. 90).)

A partir da experimentação apresentam as suas propostas para um novo urbanismo feito de situações que desencadeiam uma resposta emocional da parte de quem a experiência. “Psychogeography is, according to Debord, a pure science, and liked a skilled chemist, the psychogeographer is able to both identify and to distil the varied ambiances of the urban envirmment” (Coverley, 2012, p. 90). Propõem uma cidade estimulante com a qual o cidadão tem uma relação empática, sentindo-se parte dela, parte de um todo colectivo onde todos participam, como o coro no teatro grego. Propõem uma cidade estimulante que contrariasse a alienação palpável e o silêncio organizado de que fala Raoul Vaneigem³¹ em “Comments against urbanism”. (1961).

Under a rationalist umbrella, reduced the intricacy of city structuring to fallaciously simplistic levels. The Situationists... preferred to experiment on themselves, analyzing the factors affecting their mood, behavior, and choice of route as they wandered their “drift” through the city. (Sadler, 1999, p. 20)

³¹ Raoul Vaneigem (Bélgica, n. 1934), escritor. Estudou filologia romana, escrevendo a tese *Isidore Ducasse et le Comte de Lautréamont dans les poesies* (1956). O seu contato com a I.S e os seus membros foi possibilitado por Henri Lefebvre (1901 - 1991). A complicidade teórica com Guy Debord marcou os últimos dez anos de atividade do movimento.

4. DEVIR E PRAXIS

4.1. GEOMETRIAS DE ORGANIZAÇÃO

The kind of public space that those who want to foster the radical democratic project should try to establish a space for deliberation and consensus and space for agonistic confrontation. (Moufe, 2005, p.152)

O espaço público, sendo o espaço comum e aquele em que todos os cidadãos têm participação, é um espaço político. No entanto, apesar da sua natureza complexa e plural, desde os primeiros assentamentos humanos que o desenho e organização urbanos pouco mudaram. Apesar de uma intrincada complexificação dos sistemas sociais e das redes de relações que compõem o espaço urbano, continuamos a projetar e a fazer desenvolver as cidades recorrendo a processos de planeamento, decisão e a uma gramática espacial que pouco diferem dos setecentistas e, embora o espaço público contenha em si, pela sua natureza, a possibilidade da sua contínua transformação e adequação aos contextos que nele emergem - quer sejam, utilitários, sociais ou simbólicos - observamos ainda que a intervenção no espaço público é vedada à participação cidadã, através de mecanismos burocráticos, políticos e económicos, que regem a construção do espaço que é de todos. Os mecanismos de planeamento e intervenção no espaço público assumem um modelo *top-down*, também aplicado nas metodologias de planeamento urbano utilizadas. É frequente as metodologias de planeamento urbano estenderem os seus modelos de rigidez e hierarquia às formas de organização social e aos tipos de utilização que os espaços, por si desenhados acabam por possibilitar e predispôr aos seus utilizadores.

[...] é preciso descrever e analisar o impacto potencial da quarta revolução industrial na economia, nos negócios, nos governos e países, na sociedade e nos indivíduos. Em todas estas áreas, um dos maiores impactos surgirá a partir de uma única força: o empoderamento (delegação de poder, delegação de autoridade, promoção de autonomia) - como os governos se relacionam com os seus cidadãos [...]. (Schwab, 2016, p. 24)

A possibilidade de crescimento urbano, e da sua adequação morfológica e social a partir do debate e ocupação livre e informal, surge na contemporaneidade com maior expressão e como possibilidade metodológica como consequência de movimentos de protesto como “*Occupy Wall Street*”, Nova Iorque, EUA, 2011, e “*Occupy Gezzy*”, Istambul, Turquia, 2013, que fizeram da ocupação dos espaços públicos uma forma de protesto, tendo tido um grande impacto na imprensa internacional, mas são também metodologias anteriormente explorados em processos as manifestações de Maio de

1968, em Paris, França. e o “Serviço Ambulatório de Arquitectura Local”, (SAAL, Portugal, 1974 – 1976)

Meaning – as well as the ability to act – can only be created, reinforced, and altered in exchange with others. This is nothing noteworthy; biologically and culturally, people are social beings. (Stalder, 2016, p.79)

“*Occupy Wall Street*” surgiu como um movimento contra as disparidades sociais e económicas criadas dentro do modelo neo-liberal. Como forma de protesto, tornando visível o descontentamento generalizado causado pelo atual sistema económico, foi ocupado um parque no distrito financeiro de Nova Iorque a 17 de Setembro de 2011, tendo a ocupação terminado a 15 de Novembro do mesmo ano, com expulsão à força. Historicamente, Manhattan, o símbolo nova iorquino e mundial do sistema financeiro, foi palco de inúmeros protestos – incluindo o “May Day”, de 1971 - revelando o impacto que o espaço e os seus significados têm no dia a dia das pessoas e que mesmo numa sociedade cada vez mais funcional, a carga simbólica de um lugar ainda atua sobre os cidadãos.

A ocupação do Parque Gezi, em Istambul, assinala uma insurgência coletiva perante a vontade municipal de construir um centro comercial numa das mais importantes praças verdes da cidade. O grupo organizador do movimento do protesto pretendia chamar a atenção internacional para a estratégia política do governo de Recep Tayyip Erdogan (n. 1954), que, no entender do grupo, violava os direitos humanos básicos de habitação através da transformação e reconversão de espaços urbanos como forma de promover e justificar a segregação de classes e o declínio do comércio familiar e de pequena escala através da incorporação de um modelo de comércio e estilo de vida neoliberal.

A cidade não é expressão física do conjunto dos seus edifícios. É muito mais a vida social, sensorial e emotiva que tem lugar entre eles, ou seja, que se experimenta nos espaços abertos, nas ruas, nas praças e nos encontros significativos que se podem desenrolar nestes espaços de permeio. Reforço da cidadania é a resposta de Lefebvre. (Fortuna, 2012, p. 13)



Ilustração 17 – *Pintura habitada*, Helena Almeida, 1976. (IC, 2010).

Sendo o espaço público o espaço político na vida dos cidadãos, queremos entender que papel poderá o espaço público desempenhar dentro do atual o sistema democrático. Em *Which public space for critical artistic practices* (2005), Chantal Mouffe³² realça e enfatiza que o espaço público deve estar preparado para ser o palco de antagonismo e de liberdade de escolha de alternativas, contemplando a possibilidade de pensamento e debate político, nem sempre consensual (Mouffe, 2005, p.152). A possibilidade de existência de um espaço onde a contrariedade e o confronto pode acontecer, é dificultada por um traço caracterizador da atual sociedade que persegue uma constante procura de consenso, uma agradabilidade comum e transversal, branda e amena, segura. “O que resta se removermos a identidade? O Genérico?” (Koolhaas, 1995, p. 31). “A identidade torna-se semelhante a um farol - fixa [...]. Paris só se pode tornar mais parisiense - já está a caminho de se tornar hiper-Paris, uma caricatura polida.” (Koolhaas, 1995, p. 32)

Este universalismo baseia-se num habitante abstracto e genérico, que transcende classe social, raça, género, orientação sexual, ética e interesses. Não se trata de um universalismo alusivo à igualdade entre todos, mas sim um destituir de características singulares de um determinado grupo ou local que simplifica a leitura social e o potencial dos lugares e a sua riqueza local. O seu programa é genérico, descurando as especificidades particulares do contexto através de uma aproximação macro aos sistemas onde opera. “O exterior da cidade já não é um teatro colectivo onde “isso” acontece; não sobra nenhum “isso” colectivo. A rua tornou-se um resíduo, um dispositivo organizativo.” (Koolhaas, 1995, p. 25). É a natural distância entre os órgãos de planeamento urbano e as comunidades para as quais trabalham que fundamenta o fato de, muitas vezes, os projectos propostos para um determinado local, não serem os mais adequados ao dia-a-dia e interesses da sua população. Paradoxalmente, são essas mesmas instituições, exteriores à vida dos bairros, as responsáveis pelo planeamento e regulamentação dos usos dos seus espaços. Mais do que criar espaços, o planeamento urbano deve fomentar relações, exponenciando aquilo que mais positivamente o caracteriza os locais onde intervém de forma a realmente criar um impacto positivo e uma significativa melhoria da sua vivência.

O espaço público destaca-se como o terreno mais apropriado para investigar as problemáticas da definição contemporânea do sentido de lugar e da pertença. “Os actores do debate sobre o espaço público e sobre as dinâmicas devem-se guiar pela

³² Chantal Mouffe (Bélgica, 1943), cientista política. Leciona Teoria política na Universidade de Westminster, tendo sido professora em Harvard, Cornell, University of Califórnia, Institute for Advance Study em Princeton e no Centre National de la recherche Scientifique em Paris. Entre 1989 e 1995 foi diretora de programa no College International de Philosophie em Paris.

ética e moralidade, “paixões” e não modelos económicos, dotando o programa público de uma dimensão afectiva crucial para a criação de uma identidade colectiva.” (Mouffe, 1995, p.154)



Ilustração 18 – Wrapped Monument to Vittorio Emanuele II, Christo e Jeanne-Claude, 1970, Shunk Kender. (Christo and Jeanne Claude, 2019).

Para que um espaço seja democrático, o debate e as possibilidades da sua ocupação devem ser mantidos fluídos e orgânicos, seguindo as intenções dos que o habitam. O espaço público é um espaço (em) aberto em todas as suas dimensões - formal, simbólica e utilitária. A maioria dos atuais modelos de planeamento urbano não contemplam a dimensão da alteridade e mudança. Em regra geral, o seu uso é hermético e condicionado pelas actividades económicas que o circundam, pois na cidade liberal é principalmente a actividade económica que justifica o espaço e o esforço em concretizá-lo.

What is, at a given moment, considered as the “natural” order – jointly with “the common sense” which accompanies it – is the result of sedimented hegemonic practices; it is never the manifestation of a deeper objectivity exterior to the practices. (Mouffe, 2005, p.156)

4.2. O ESPAÇO PÚBLICO COMO AGREGADOR E CATALIZADOR SOCIAL

It is precisely the abandonment of the idea that there is a pre-given or proper meaning of public space that necessitates debate. We must take seriously the idea that public space is a question. (Deutsche, 2005, p.1)

Posto isto, que programa para o espaço público? Como prospetar novas funções, e inculcar-lhe um renovado valor? Que políticas e espaços podem acolher a vontade de uma nova cultura participada e a construção coletiva das novas possibilidades de

espaço público? No nosso entender, o trabalho multidisciplinar e o desenvolvimento de projectos de desenho do espaço público participativos poderiam “evitar aquilo a que Jim McGuigan define como instância do populismo acrítico na esfera pública cultural, [...] ou aquilo a que Slajoj Szizek poderia apelidar de cultura descafeínada” (Matoso, 2012, p. 4), e responder à preocupação que Rosalyn Deutsche³³ coloca em The question of public space, ao “relembrar que o espaço público é essencialmente político” (Matoso, 2012, p. 10), sendo nesse sentido importante entender o papel da arte no redesenho dos espaços públicos, abandonando a ideia arte enquanto elemento embelezador (Matoso, 2012, p. 10). Os processos de desenhos do espaço público não podem ser encarados como projectos de cariz higienista, executados com o simples intuito de melhorar a qualidade de vida da população. Estes devem ter em conta o cariz político e todo o potencial transformador que comportam, indo de encontro à definição que “Theodor Adorno (1903-1969) que apresenta cultura, como “aquilo que transcende o sistema de preservação da espécie, contém em si um elemento de confrontação inevitavelmente crítica do status quo e da totalidade das instituições” (Adorno, *apud*. Matoso, 2012, p.10).

“Are artworks for the people? Do they encourage participation? Do they serve their constituencies?” Public art terminology also alludes to a general democratic spirit of egalitarianism: Do the works avoid “elitism”? Are they “accessible”? (Deutsche, 2005, p.1)

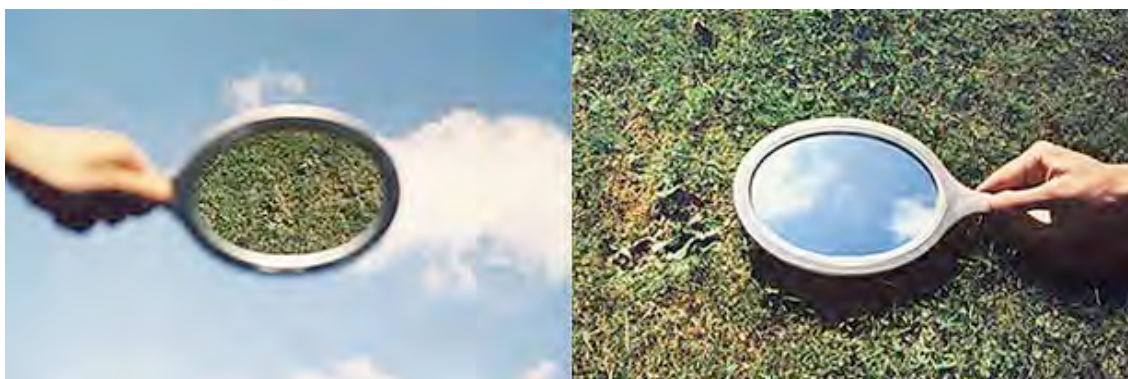


Ilustração 19 – *Attending*, Hreinn Fridfinnsson, 1973. (Hreinn, 2007).

O espaço público deve ser respeitado como o lugar onde a diferença emerge e onde a pluralidade identitária urbana pode ser consolidada e expressa. Nesse sentido a arte, a arquitetura e urbanismo podem despoletar o momento de interrogação e antevisão de possibilidades de uso e de pensamento sobre o espaço, os lugares e os seus usos - para além dos habituais, normativos - fazendo do espaço público urbano um espaço com “valor de uso e não apenas de troca” (Lefebvre, *apud*. Traquino, 2010, p.47).

³³ Rosalyn Deutsche (Estados Unidos da América, 1946), doutorada em filosofia, professora de arte moderna e contemporânea no Barnard College, em Nova Iorque. Membro do College Art Association.

Na década de 50 do século XX assistiu-se a um período de experimentalismo nas práticas artísticas que iniciaram a redefinição da relação entre a arte e a sociedade, com uma prática artística que revela e questiona a nossa relação com os lugares, prevenindo a alienação e a passividade através da exploração das especificidades dos contextos e da aproximação e interação com o público como materiais de trabalho. As propostas artísticas experimentalistas fazem frente à passividade induzida pelo ambiente urbano em que nos inserimos, que, altamente regrado, pouco convida à participação e exploração. O experimentalismo e a acção efémera permitem a criação de novos modelos de espaço público apropriáveis e flexíveis - que não somente ruas, praças, parques e dos seus usos habituais - que convidam à participação e criatividade do cidadão no espaço público, que assim assume o seu papel de ator criador e participativo.³⁴

No âmbito da arquitetura podemos lembrar e nomear o programa “ Serviço Ambulatório de Arquitectura” (SAAL), iniciado por Nuno Portas (1934 – 2016), que, transformaria a perceção de muitos arquitetos em relação à natureza social da sua profissão e desencadearia mudanças intensas e profundas no entendimento não só da arquitetura social mas da própria prática arquitectónica” (Vieira, Coutinho, 2015, p. 9), “com a emergência das perspectivas de conciliação do programa moderno e a especificidade do lugar” (Baptista, Ventosa, 2008, p 45) O projeto visava enfrentar as carências de habitação e as questões de salubridade do ambiente construído em que viviam diversas comunidades desfavorecidas do país “e criar um novo horizonte de vida para as populações que viviam principalmente nos grandes aglomerados urbanos, sem alojamento condigno” (Vieira, Coutinho, 2015, p. 13) . A “criatividade do programa residia no envolvimento e participação direta das populações na conceção das suas novas habitações” (Vieira, Coutinho, 2015, p. 9) através do desenvolvimento dos projetos em equipas multidisciplinares - o que permitiu que as conceções estéticas, necessidades e opções dos moradores garantissem a dimensão funcional e urbanística requerida. Os projetos SAAL concretizados resultaram de um trabalho multidisciplinar, possibilitado pela articulação de um vasto conjunto de intervenientes: moradores organizados em comissões ou associações; brigadas técnicas, compostas por arquitetos, engenheiros, juristas, geógrafos, sociólogos; Estado, através dos seus serviços e departamentos setoriais ou de base local.

³⁴ Escrito com apoio no livro *A Construção do lugar pela arte contemporânea* (Traquino, 2010), *A sociedade do espectáculo* (Debord, 2012) e *Três textos sobre a cidade* (Koolhaas, 2010)

“É neste sentido que defendia que aquele diálogo era muito mais rico quando transferido para uma comunidade” [...] Essa experiência participativa é algo que fica”. (Siza Vieira, *apud*. Baptista, Ventosa, 2008)

Esta concepção metodológica do processo, é escalável para o desenho do espaço público, utilizando alguns dos seus pilares metodológicos como a descentralização, através da passagem da totalidade das responsabilidades do Estado para sectores dinâmicos da sociedade cívil; identificação e recurso às mais valias locais e dos moradores de modo maximizar a eficácia e a adequação dos projetos ao local.³⁵

The importance of proposing new modes of coexistence, of contributing to the construction of new forms of collective identities.[...] I am convinced that it is only by recognising the need for a plurality of forms of interventions, taking place in a variety of public spaces, that critical artistic practices can contribute to the constitution of a variety of agonistic spaces where a radical and plural conception of democracy could be fostered. (Mouffe, 2005, p. 162)

Ao trabalhar para e com as comunidades locais, os especialistas, agora num papel de mediadores, mais facilmente guiam os processos e projetos para que estes se tornem uma mais valia na vida das populações e comunidades, respondendo às verdadeiras questões que o local apresenta e exponenciando a sua identidade, fortalecendo-a, muitas vezes em processos que ajudam ao desenvolvimento da economia local e o património social, permitindo a incorporação de sistemas de economia circular na resolução de problemas. Os processos de planeamento urbano podem aprender com as artes como transformar um projeto de desenho urbano numa experiência participada, deixada em aberto, através da inclusão do observador-utente num processo de pesquisa que conduz a uma transformação evolutiva do lugar pela inclusão o cidadão-utente na sua construção.

³⁵ Além dos autores mencionados foi usado como apoio à escrita do texto sobre o SAAL o livro O ser urbano, nos caminhos de Nuno Portas (Grande, 2012) e o filme “As Operações SAAL” (2007) de João Dias



Ilustração 20 – *Bodyspacemotionthings*, Robert Morris, 2009. (Ting Fen Yang, 2010).





Ilustração 21 – Robert Morris, Robert Morris, 1971. (Westerman, 2016).

4.3. EXEMPLOS PRÁTICOS

Parece-nos importante, falando de projetos participados e na abertura dos processos de planeamento urbano a práticas metodológicas experimentalistas e pluridisciplinares, assim como da instituição do espaço público enquanto espaço apropriável e transformável, catalisador das diversas expressões que nela premeiam, apresentarmos um sub-capítulo que aponta e descreve sumariamente projetos que se desenvolveram dentro desses mesmos moldes, ou que assinalam eventos de exceção que pontuam o espaço, que desvelam potenciais perdidos. ou que de alguma forma tentam entender ou complexificar os fenómenos urbanos.

4.3.1. MAPEAMENTO

O mapeamento surge como uma importante ferramenta e análise e de projeto, podendo conter, além da habitual função operativa, uma dimensão simbólica. Neste sentido, o mapeamento pode ser uma ferramenta ou um fim em si.

O modo como representamos a nossa envolvente é de extrema importância na leitura que fazemos dos lugares, na definição de uma postura crítica perante estes, e também das possibilidades de análise e relação que conseguem analisar e descobrir ao olhar para o mapa produzido – sendo os mapas situacionistas um exemplo disso. Esta possibilidade sistematização e análise de dados é essencial para a construção de novas ferramentas e estratégias de transformação dos lugares e das suas estruturas

organizacionais e sociais. As novas tecnologias digitais são nesse sentido uma mais valia, apresentando a possibilidade de participação coletiva em projetos de mapeamento e a sua contínua atualização em tempo real, permitindo a inclusão de perspectivas variadas, pelo número elevado de potenciais participantes, e uso de diferentes marcadores e dados a assinalar. O mapeamento coletivo permite também a inclusão de dados do tecido social, sensoriais, relações comerciais, entre outros, reveladores da visão quotidiana que o habitante tem do seu espaço. Atinge-se assim uma leitura plural do ambiente urbano, de cariz heterogéneo que revela a verdadeira essência dos lugares e a multitude de realidades que se encontram numa cidade, contribuindo para uma leitura realista do ponto de vista do cidadão, usando os referenciais que, no dia a dia, mais importantes são para si. As cartografias colectivas e os mapeamentos participados surgem como uma nova forma de dar voz à sociedade civil.

Nome do projeto — 596 Acres e Living Lots NY

Autores — Paula Segal

Local — Nova Iorque, EUA; **Ano** — 2011

Domínio web — www.livinglotsnyc.org

Descrição — *Living Lots NYC* é um projeto de mapeamento de vazios urbanos públicos em Nova Iorque que tem como objetivo a criação de uma plataforma online que permita aos habitantes da cidade procurar e aceder aos espaços expectantes, de forma a facilitar o seu uso, temporário ou permanente, preservando um recurso comum.

Nome do projeto — Post-it City. Occasional Urbanities

Autores — Martí Peran, Filippo Poli, Giovanni La Varra, Federico Zanfi

Local — Barcelona, Espanha; **Ano** — 2006

Domínio web — www.cccb.org/en/exhibitions/file/post-it-city-occasional-urbanities/16445#/

Descrição — *Post-it Cities* explora através do registo fotográfico, ocupações não codificadas, temporárias e anónimas, comerciais e recreativas, dos espaços urbanos das cidades contemporâneas em diversos pontos do globo, que têm em comum serem auto construídas e não terem impacto no ambiente urbano, por serem facilmente desmontáveis. O projeto foi editado em livro e ebook disponível em *Creative Commons*.



Ilustração 22 – Street economy archive, *Post-it city* – cidades ocasionais, 2009

Nome do projeto — Tokyo Void: Possibilities in Absence

Autores — Marieluse Jonas, Reiki Rahmann

Local — Tóquio, Japão; **Ano** — 2015

Domínio web — www.popupcity.net/tokyo-void-possibilities-in-absence

Descrição — Projeto de mapeamento dos terrenos vazios da cidade de Tóquio, com registo visual das utilizações que lhes foram incutidas. O projeto terminou com a edição de um livro, que traça uma leitura dos usos dados aos terrenos vazios urbanos e dos espaços verdes e vazios disponíveis em Tóquio. Desta sistematização é feita uma análise dos usos temporários e do significado sociocultural dos espaços vazios no Japão, assim como de fenómenos emergentes de ecologias urbanas. O livro apresenta também hipóteses de apropriação de vazios urbanos, com nomeação dos recursos e tempo necessários para o projeto



Ilustração 23 – *Tokyo Void – Possibilities in Absence*, Marieluse Jonas e Reiki Rahmann, 2015. (NAi Booksellers, 2019).

Nome do projeto — Rede de carpintarias de Lisboa

Autores — Artéria

Local — Lisboa; **Ano** — 2013

Domínio web — <http://redecarpintarias.org>

Descrição — Mapeamento de carpintarias tradicionais e industriais no perímetro urbano de Lisboa. A Rede de carpintarias de Lisboa é uma plataforma online que mapeia e divulga as oficinas da cidade de Lisboa. É também um projeto que visa regenerar sistemas económicos urbanos, valorizando as oficinas como parte da programação da cidade e contribuir, através das artes e ofícios, para a qualidade e sustentabilidade da reabilitação urbana de Lisboa, facilitando o acesso do grande público ao trabalho dos técnicos especializados.



Ilustração 24 – Rede de Carpintarias de Lisboa (Artéria, 2013)

4.3.2. PROCESSOS PARTICIPATIVOS

Os processos participativos abrem a sua metodologia à sociedade civil, incluindo a população nas diversas fases de projeto, numa geometria *bottom-up*, onde os habitantes e utilizadores de um determinado local são a principal voz de escultação, debate e decisão. Os processos participativos permitem a análise territorial adequada, incluindo uma maior precisão de análise das redes que compõem o lugar, permitindo que se atinjam respostas concretas apropriadas ao lugar, que respondem de forma positiva às reais necessidades dos seus utilizadores, indo de encontro aos seus gostos e interesses. Os processos participativos, também frequentemente designados como processos de co-design, contrastam com as metodologias clássicas que apresentam, regra geral, propostas mais generalistas.

Nome do projeto — Akôo, Espaço Autogestionado

Autores — Zoohaus, Taller de Santos Malabo

Local — Malabo, Guiné Equatorial; **Ano** — 2013

Domínio web — 2013 www.zuloark.com/akoo-ccemalabo

Descrição —.Projeto participado para criação de um espaço público autogerido. O projeto Akôo foi iniciado no Centro Cultural de Espanha, em Malabo. Na fase de aferição das necessidades, a comunidade local referiu a necessidade de existência de um lugar exterior, sombreado, de programa livre e não definido, pelo qual pudessem ser responsáveis. O projeto de arquitetura foi desenvolvido com base nos materiais disponíveis e contando com profissionais locais para a construção da estrutura. Findo o projeto, a experiência foi editada num manual – como habitual no coletivo Zoohaus, qua assim partilha as suas experiências e disponibiliza as soluções desenvolvidas. O projeto desenvolvido é composto por quatro estruturas de suporte em forma de pirâmide invertida soldadas a quatro jantes de carro cimentadas que funcionam como base, três coberturas de duas águas, seis vigas e três rodas de apoio, assim como uma tela de cobertura executada com recurso a entrançamento de tubo plástico. Todas as peças foram produzidas em indústrias locais, posteriormente transportadas e montadas no lugar. Este protótipo utiliza técnicas construtivas locais comuns na arquitetura e construção de Malabo. A estrutura desenvolvida foi apropriada pelos habitantes locais e frequentadores do Centro Cultural, que a utilizam enquanto espaço de encontro, estudo e sombra.



Ilustração 25 – Akôo – espaço autogestionado (Zuloark, 2013)

Nome do projeto — Du Vert Près de Chez Moi

Autores — Câmara Municipal de Paris

Local — Paris, França; **Ano** — iniciado em 2014

Domínio web — www.paris.fr/permisdevegetali

Descrição — O projeto *Du Vert Près de Chez Moi*, lançado pela Câmara Municipal de Paris, França, é um dos eixos de um plano urbano que pretende, até 2020, implementar vegetação um quarto da área metropolitana total da cidade, melhorando a qualidade de vida e os laços sociais existentes entre os moradores. O projeto convida os habitantes fazerem o plantio em lugares próximos das suas casas - seja em espaços ociosos, fachadas, janelas - disponibilizando ferramentas de jardinagem, sementes e sessões de consultoria e ensino. Os participantes assinam um termo de compromisso e responsabilidade pela manutenção do seu canteiro e pela não utilização de pesticidas.

Nome do projeto — El Campo de Cebada

Autores — (projeto comunitário)

Local — El Campo de Cebada Madrid, Espanha; **Ano** — 2010

Domínio web — www.elcampodecebada.org

Descrição — *El Campo de Cebada* nasceu a partir de um vazio urbano criado pela demolição de um centro desportivo. O projeto tinha como objetivo fomentar a participação comunitária e resultou na transformação do terreno de 2.500 metros quadrados num espaço de inovação cívica, com um programa flexível, não definido e aberto às decisões dos moradores locais. *El Campo de Cebada* é um exemplo prático de processo participativo de ativismo urbano organizado coletivamente, que inicia um processo e programa de ocupação e debate aberto sobre o que poderia ser aquele lugar. A iniciativa foi acolhida pelos moradores, tendo-se desenvolvido uma programação intensa e frutífera, que levou a Câmara da Municipalidade de Madrid a ceder a possibilidade de ocupação do lote até à construção do pavilhão



Ilustração 26 – *El campo de cebada* (La grieta, 2016)

Nome do projeto — Experimenta Distrito

Autores — MediaLab Prado, Câmara da Municipalidade de Madride

Local — Madrid, Espanha; **Ano** — iniciado em 2016

Domínio web — <https://www.experimentadistrito.net>

Descrição — *Experimenta Distrito* é um programa municipal da Câmara de Madrid que visa a criação de laboratórios cívicos em diversos distritos da cidade para possibilitar a participação pública no debate sobre a cidade e o espaço para desenvolvimento colaborativo de ideias para os seus bairro, com o objetivo a ativação das inteligências coletivas para a criação de projetos locais Os laboratórios de *Experimenta Distrito* funcionam como lugares de encontro e aprendizagem, pensados para o lugar com o objetivo de exponenciar o seu desenvolvimento através da ação local. Todos os projetos criados e desenvolvidos nos laboratórios são documentados e disponibilizados como *Creative Commons* para que possam ser replicados e testados noutros lugares.

Nome do projeto — MediaLab Prado

Autores — Departamento de cultura e desporto da Câmara da Municipalidade de Madrid

Local — Madrid, Espanha; **Ano** — iniciado em 2000

Domínio web — <https://www.medialab-prado.es>

Descrição — *Medialab Prado* é um laboratório colaborativo de produção de projetos culturais, oferecendo um programa de mediação cultural que possibilita a articulação entre propostas de projetos artísticos, científicos e tecnológicos, e colaboradores, especializados ou não, para o seu desenvolvimento e execução. O *Medialab Prado* permite a organização de grupos de trabalho, após a abertura de convocatórias para produção de projetos, investigação colaborativa e aprendizagem permitindo colocar em contato pessoas com os mesmos interesses, estabelendo e fortalecendo redes locais. Tem como objetivos a criação de comunidades de ensino e de desenvolvimento de projetos artísticos; desenvolvimento de projetos culturais livres, documentados e replicáveis; a experimentação e avaliação de metodologias colaborativas multinível.

Nome do projeto — Lab cívico Santiago

Autores — José Carlos Mota

Local — Aveiro **Ano** — iniciado em 2019

Domínio web — <https://labcivicosantiago.wordpress.com>

Descrição — Laboratório cívico que promove o debate sobre os temas do espaço público e que convoca à participação através de concursos para propostas para melhoria dos espaços e condição de vida no bairro onde se insere, constituindo um modelo de democracia participativa. As propostas recebidas são posteriormente analisadas e seleccionadas por um painel de especialistas convidados, que procuram soluções adequadas para o lugar e possíveis de realizar, tendo em conta os recursos existentes, assim como apoio conceptual, técnico e metodológico.

Nome do projeto — Ecomobility Festival

Autores — The Urban Ideia, Konrad Otto, Zimmermann

Local — Suwon, Coreia do Sul **Ano** — 2013

Domínio web — <https://ecomobility.org/ecomobility-world-festival/>

Descrição — Ecomobility Festival propôs a remoção de mil e quinhentos automóveis das vias de circulação, disponibilizando quatrocentas bicicletas e motocicletas elétricas aos habitantes de Suwon, na Coreia do Sul a durante o período de um mês em

Suwon, Coreia do Sul, com o intuito reduzir as emissões de carbono e melhorar a qualidade de vida na cidade. A proposta, inicialmente restrita a um bairro da cidade, foi bem sucedida e, com o fim do festival, o bairro iniciou um processo de transformação em direção a um futuro sem automóveis.



Ilustração 27 – Rua de Suwon durante o *Ecomobility fest* (ICLEI, 2019)

Nome do projeto — Making Space in Dalston

Autores — Muf architecture/art

Local — Londres, Reino Unido **Ano** — 2012

Domínio web — [www.muf.co.uk/ portfolio/making-space- in-dalston-2](http://www.muf.co.uk/portfolio/making-space-in-dalston-2)

Descrição — *Making Space in Dalston* promove a regeneração de espaço público do bairro londrino de Dalston a partir da identificação de problemáticas e oportunidades e apresentando para cada uma destas um conjunto de uma possíveis ações comunitárias de pequena escala que as possam resolver, permitindo a melhoria da qualidade dos espaços públicos.

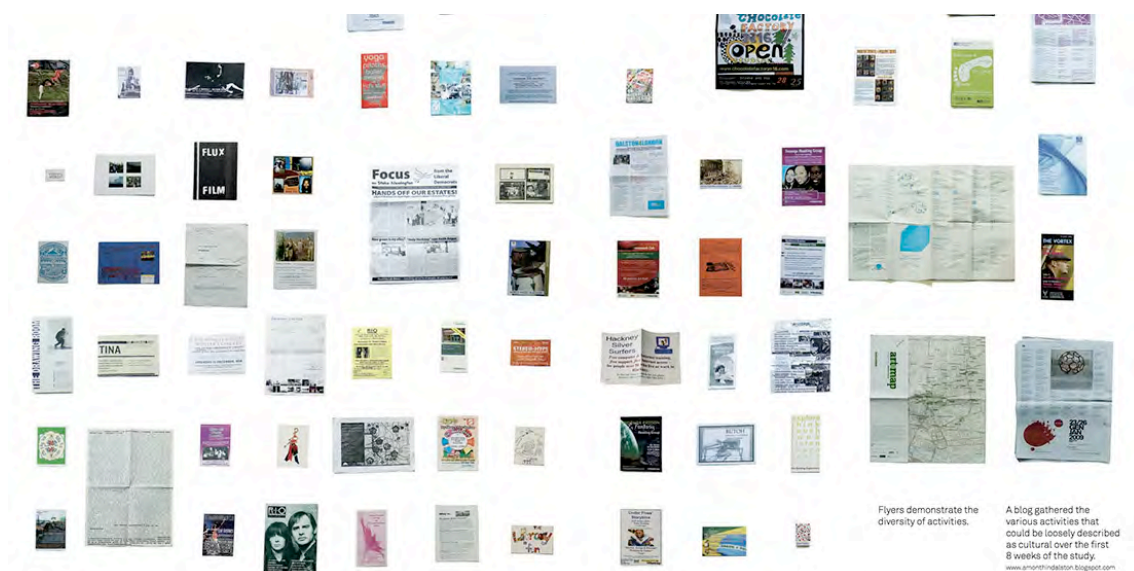


Ilustração 28 – Compilação de flyers .com as diversas atividades existentes no bairro (Muf architecture/art, 2019).

4.3.3. FERRAMENTAS POLÍTICAS

Designamos por ferramentas políticas, projetos ou meios de ação que, dentro da normatividade, ou seja, dentro de um quadro legal de ação (por vezes subversiva), propõem projetos, metodologias ou ações que ajudam a solucionar questões urbanas ou participem na melhoria das condições de habitabilidade e de vida de um determinado lugar. Estes projetos têm a sua génese no encontro de uma abertura ou possibilidade de ação dentro da legislação existente, podendo ser replicáveis dentro da mesma autarquia, ou país, funcionando como um manual de práticas possíveis de implementar num determinado lugar.

Nome do projeto — Streets Renaissance

Autores — Gehl Architects

Local — Nova Iorque, EUA; **Ano —** 2007 - 2009

Domínio web — <https://www.pps.org/projects/new-york-city-streets-renaissance>

Descrição — *Streets Renaissance* foi um projeto encomendado pelo Departamento de Transportes de Nova Iorque ao escritório de Jan Gehl, com o objetivo de promover a deslocação urbana suave. De forma a promover a deslocação pedonal na cidade, Jan Gehl e a sua equipa propuseram a implementação rápida de pequenas praças

públicas em espaços residuais da cidade, equipadas com mobiliário urbano simples, requalificam e pintura de pavimentos, assim como alterações de vias, como a incorporação de ciclovias, vias de autocarro e a abertura de ruas pedestres nos fins de semana. O projeto visa a providenciar espaços públicos a uma distância pedonável (dez minutos) de cada residência

Nome do projeto — Recetas Urbanas

Autores — Santiago Cirujeda

Local — Espanha; **Ano** — 1996 / 2007

Domínio web — <http://www.recetasurbanas.net>

Descrição — *Recetas Urbanas* é um projeto de desenvolvimento de metodologias de ocupação subversiva do espaço público dentro de um quadro legal. Santiago Cirujeda desenvolve metodologias de ocupação e projectos de arquitectura de diferentes tipos de espaço, a partir de um quadro legal viável, com as explicações necessárias para a sua construção e replicação. Os tipos de projeto desenvolvidos são variados e apresentam soluções para necessidades de diferentes escalas, como a necessidade de acrescentar da área útil a uma habitação, a meios legais de ocupação temporária dos espaço público expectantes para usufruto dos cidadãos.



Ilustração 29 –Baloço feito com contentor de obra. (A'A', 2019).

Nome do projeto — DEMO: POLIS – The Universal Declaration of Urban Rights

Autores — Zuloark

Local — Berlim, Alemanha; **Ano** — 2011 / 2017

Domínio web — <http://berlin.urbanrights.org>

Descrição — Plataforma online que põe em debate os problemas da cidade a partir do ponto de vista da população. Com o propósito de permitir o debate de questões urbanas diversas, o coletivo espanhol Zuloark iniciou um projeto que possibilita, a partir de uma plataforma online, a partilha de diferentes pontos de vista. A plataforma é uma base de dados vídeo com testemunhos de diferentes pessoas, sobre o seu ponto de vista perante o espaço urbano e as suas questões, levando à abertura do debate e da pluralidade de entendimentos sobre os fenómenos urbanos e a sua maior compreensão.

Nome do projeto — Vendor Power

Autores — The Center for Urban Pedagogy

Local — Nova Iorque, EUA; **Ano** — 2009

Domínio web — <http://welcometocup.org/Projects/MakingPolicyPublic/VendorPower>

Descrição — Manual de explicação dos direitos legais dos vendedores de rua de Nova Iorque, através de gráficos, diagramas e textos informativos apresentados em formato de poster para garantir a fácil distribuição e consulta. O material gráfico foi produzido nas cinco línguas mais faladas na comunidade de vendedores de Nova Iorque.

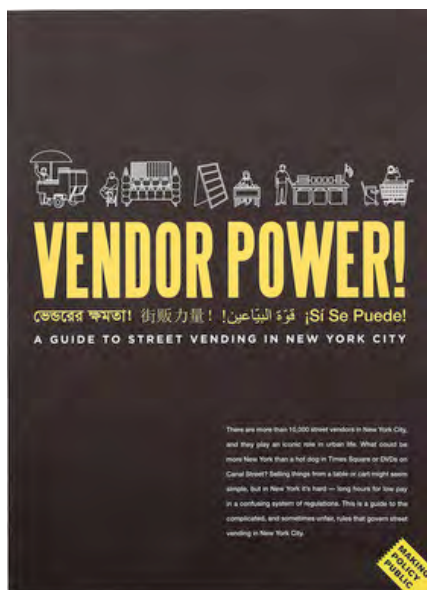


Ilustração 30 – Manual de direitos dos vendedores ambulantes de nova Iorque (Making Policy Public. 2017).

Nome do projeto — Cities for People

Autores — Jan Gehl

Local — Copenhaga, Dinamarca; **Ano** — 2010

Domínio web — <https://gehlpeople.com/shopfront/cities-for-people-2010/>

Descrição — O livro apresenta táticas de intervenção no espaço público urbano, a partir da escala pedestre, apresentando soluções que se refletem numa melhoria da qualidade de vida e ambiência urbana. A publicação baseia-se em experiências urbanas realizadas desde a década de 1970 na Dinamarca, contando também com exemplos na Europa, Austrália e Américas.

Nome do projeto — Manuals

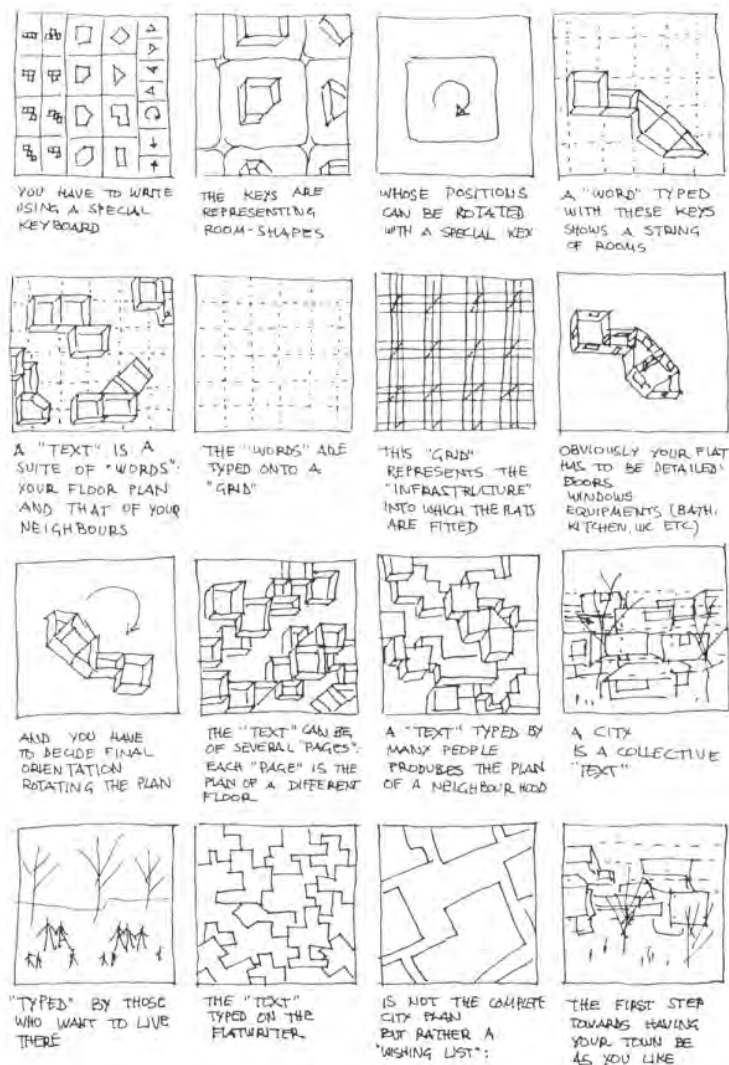
Autores — Yona Friedman

Local — Paris, França; **Ano** — 1973 / 2017

Domínio web — https://www.yonafriedman.nl/?page_id=516

Descrição — Manuais ilustrados que têm como objetivo partilhar modos de construção, organização e tópicos de pensamento sobre usos informais e

comportamentos que ocorrem em ambiente urbano. As publicações abordam também mecanismos de comportamento, economia e outros princípios que explicam e ajudam a decodificar a complexidade do ambiente urbano.



136

Ilustração 31 – Página de um dos manuais de Yona Friedman (Mat Office, 2017).

Nome do projeto — Pet Architecture

Autores — Atelier Bow-Wow

Local — Tóquio, Japão; Ano — 2011

Domínio web — http://www.bow-wow.jp/profile/publications_e.html

Descrição — O livro apresenta uma pesquisa de campo na cidade de Tóquio, através da documentação fotográfica e de desenho técnico, de arquiteturas de pequena escala auto-construídas em interstícios e casualidades urbanas. *Pet Architecture* concentra-se na forma como espaços residuais urbanos são transformados, através de microarquiteturas, que respondem a necessidades funcionais, revelando estratégias inventivas de ocupação do espaço comum que se apresenta como uma casualidade, fruto de um não pensamento.



Ilustração 32 – Pet architecture, atelier bow wow (7284GRP. 2015)

Nome do projeto — Rooftop Farm

Autores — Urban Farmers

Local — Zurique, Suíça; **Ano** — 2013

Domínio web — <https://www.facebook.com/UrbanFarmers/>

Descrição — Projeto de instalação de hortas na cobertura de edifícios urbanos, transformando área urbana inutilizada em solo produtivo. A ideia é escalável e apresenta-se como uma solução possível para a produção de alimentos em contextos urbanos de alta densidade.

Nome do projeto — Lisbon Skyline Operation

Autores — Ana Jara, Lucinda Correia, Tiago Piscarreta

Local — Lisboa **Ano** — 2014

Domínio web — <http://lisbonskyline.pt>

Descrição — *Lisbon Skyline Operation* pretende contribuir como factor chave para a reabilitação da cidade. Esta operação urbana apresenta uma solução arquitectónica, económica e legal para reabilitar edifícios e as suas coberturas, tirando partido do regime de propriedade horizontal comum das coberturas do edificado da cidade e promovendo um acordo de troca entre ocupação de um espaço durante determinado tempo e financiamento de obras de reabilitação, promovendo a cidadania activa e a reabilitação do património construído a partir de uma obsolescência espacial.

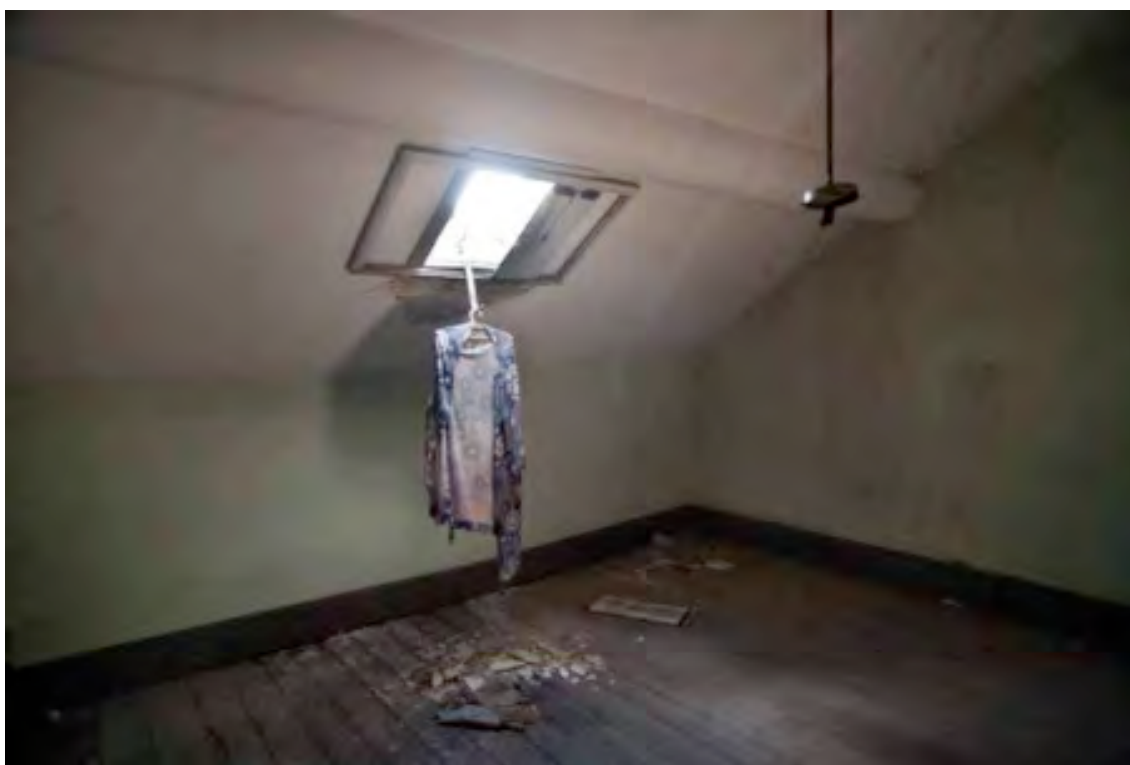


Ilustração 33 – Coberturas como espaços obsoletos, atelier Artéria (Artéria., 2014)

Nome do projeto — Creative Commons

Autores — Laurence Lessig

Ano — 2001

Domínio web — <https://creativecommons.org>

Descrição — Licença pública partilhada em modo open source. *Creative Commons* é um tipo de licença de copyright que permite ao autor tornar acessível o seu trabalho a qualquer um. A partir do licenciamento em *Creative Commons*, o conhecimento ou projeto de alguém pode, dentro do quadro escolhido pelo autor, ser utilizado e até mais desenvolvido por quem assim quiser. Os autores podem escolher o quadro de utilização do seu trabalho, como por exemplo, impedir o seu uso para fins comerciais.

Nome do projeto — Architecturas Colectivas – red internacional de colectivos

Domínio web — <https://arquitecturascolectivas.net>

Descrição — Plataforma digital que coloca em rede colectivos e indivíduos que promovem projetos de construção participativa do ambiente urbano, criando o espaço para a divulgação de projetos, convocatórias de ajuda, divulgação de conferências e encontros, permitindo o estabelecer de uma rede de conhecimento alargado.

4.3.4. PROJETOS ARTÍSTICOS

A utilização de *médiuns* e práticas artísticas no espaço público podem levar a um entendimento abrangente do que este espaço pode ser, indo além do entendimento comum pre-concebido do que afinal é o espaço público. A prática artística que trabalha com os temas da espacialidade, ocupação e significação poderá ser uma valiosa ferramenta na desconstrução do valor e utilizações atribuídas ao espaço, assim como possibilitar uma visão poética e onírica sobre o que pode ser na vida em ambiente urbano.

NOME DO PROJETO — MUSEUM OF THE ORDINARY

Autores — Michael Rock, Susan Sellers

Local — Nova Iorque, EUA **Ano** — 1997

Descrição — proposta de exposição de objetos em ambientes urbanos onde estes poderiam desempenhar a sua função original, questionando a forma tradicional da exposição, que descontextualiza e as peças. O projeto propõe a exposição do objetos de design em contextos urbanos quotidiano, subvertendo noções utilitárias espaciais e apresentando o espaço urbano enquanto espaço expositivo, onde a arte e a cultura, a resignificação podem ter lugar.

NOME DO PROJETO — CINEMA CENTÍPEDE

Autores — Colin Fournire, Marysia Lewandowska, estúdio neon

Local — Guimarães, Portugal **Ano** — 2012

Domínio web — www.bartlettdesignresearchfolios.com/open-cinema/

Descrição — Intervenção urbana temporária composta por um volume central revestido por dois tipos diferentes de cortiça de origem local e dezasseis tubos de aço. A sua configuração convida os visitantes a espreitarem o interior através dos tubos, onde podem assistir, de pé, a trailers de cinema, escolhidos pelos trabalhadores locais, despoletando a curiosidade sobre os possíveis usos a incutir na mesma praça finda a instalação.



Ilustração 34 – *Cinema centípede*, (Dezeen, 2012)

NOME DO PROJETO — BANCS-À-TOURNER

Autores — Enorme Studio

Local — Saint-Étienne, França; **Ano** — 2017

Domínio web — www.biennale-design.com/saint-etienne/2017/en/programme/?ev=bancs-a-tourner-120

Descrição — *Bancs-à-tourner* é uma ação de transformação simples, com cores, rodas e elementos visuais, dos bancos de uma praça em estruturas móveis que permitem o utilizador do espaço os manipule e altere a localização consoante a sua preferência e necessidade.



Ilustração 35 – *Bancs à tourner*, (Bienale Design, 2017)

NOME DO PROJETO — URBAN LOUNGE

Autores — Pippiloti Rist, Carlos Martínez,

Local — Sant Gallen, Suíça **Ano** — 2007

Descrição — *Urban lounge* convoca à informalidade do uso do espaço público, revestindo com apenas um material, todas as superfícies de uma praça de um bairro financeiro em St. Gallen, Suíça. O espaço foi pontuado por elementos de mobiliário e modelações de pavimento que proporcionam espaços de estar com carácter lúdico.

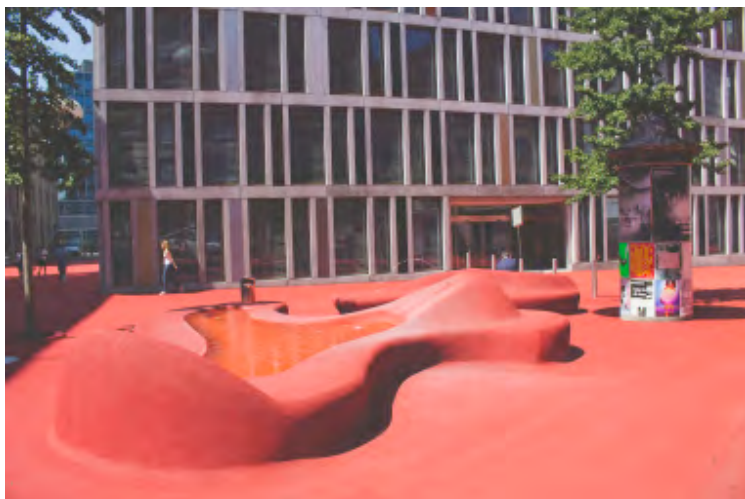


Ilustração 36 – *Urban Lounge*, de Pipiloti Rist e Carlos MARTinez (Anthi Evangelou, 2015)

NOME DO PROJETO — SCHOUWBURGPLEIN

Autores — Adrian Geuze

Local — Roterdão, Holanda **Ano** — 1996

Domínio web —

<http://www.west8.com/projects/schouwburgplein/?s=SCHOUWBURGPLEIN>

Descrição — Na principal praça de Roterdão, perto do CityTheater, Sala de concertos da cidade, Adrian Geuze propôs a construção de uma praça recorrendo a materiais simples aplicados num padrão inticado de pavimento, mobiliário urbano móvel e candeeiros de iluminação pública manipuláveis pelos utilizadores do espaço, dotando o lugar de um sentido de customização e interactividade lúdica.



Ilustração 37 – Candeeiros manipuláveis, de Adrian Geuze , (Gentili, 2014)

NOME DO PROJETO — PROJECÇÃO PARA A BIENAL DE VENEZA

Autores — Krzysztof Wodiczko

Local — Veneza, Itália, Ano —1986

Descrição — Wodiczko explora com a sua prática artística o tema da marginalização, social e política. Através de projecções de grande escala em edifícios públicos notáveis Wodiczko consegue chamar a atenção da população para disparidades sociais e temas, por vezes ainda, tabu, como a violência, pobreza, exílio. A justaposição de temáticas que revelam fragilidades da sociedade com edifícios públicos de revelono espaço urbano – pela sua escala e simbolismo – instiga a percepção da dicotomia entre as narrativas oficiais criadas e aceites pela história e partes da realidade frequentemente omissas. Desta forma, o trabalho de Wodiczko explicita a necessidade de criação de um maior sentido de comunidade global, que enquanto sociedade, devemos criar, revelando que ainda há espaço para evolução ética dentro do paradigma atual.

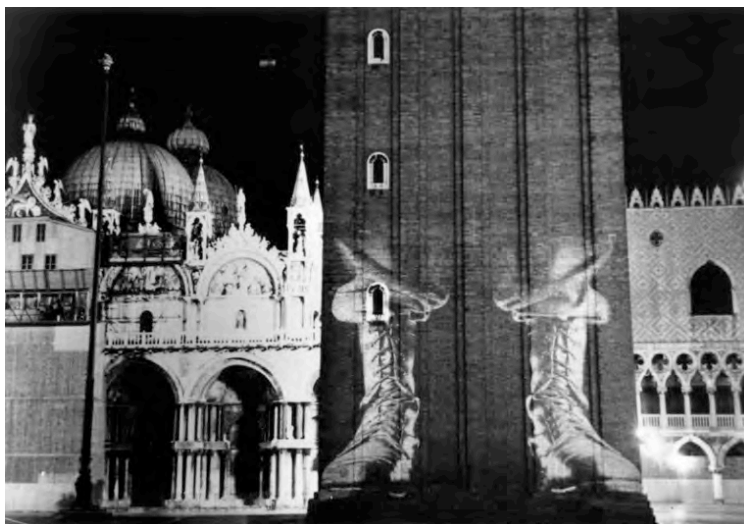


Ilustração 38 – Projecção de Krzysztof Wodiczko durante a Bienal de Veneza, 1987, (Culture.pl, 2019)

5. CONCLUSÃO

Na nossa mente habitam cidades exóticas como Babilónia e as Cidades Invisíveis (1927) de Italo Calvino (1923 – 1985). Nestas sonhamos sons e cheiros. No cinema vimos *Metrópolis* (1927) de Fritz Lang (1890 – 1976) e a Los Angeles de Ridley Scott (n. 1937) em *Blade Runner* (1983) onde prospectivamos um futuro, tecnológico e distópico, marcado pela heterogeneidade social e frieza relacional. As cidades habitam a nossa imaginação e são a materialização do progresso da humanidade e de valores éticos e culturais, assim como das formas de relação com o outro. Com o desenvolvimento do trabalho de investigação elaborado foi possibilitado um maior entendimento do que é espaço urbano e do que o constitui. A sua definição engloba os conjuntos de relações sociais, económicas e políticas que constituem os territórios, assim como a sua importância e influência na construção cultural de um determinado contexto. Um não existe sem o outro, os territórios metropolitanos não existem sem terem quem os habite, e é nesses territórios que os seus habitantes espelham os seus valores e progridem enquanto corpo social.

Um dos pontos fundamentais aferidos foi a tomada de consciência da crescente complexidade que caracteriza as redes de relações que compõem o espaço urbano, que se densifica progressivamente, criando sobreposições relacionais e interdependências que trazem para o ambiente urbano um grau de complexidade que torna urgente a sua descodificação. Os novos fenómenos urbanos e as expressões sociais emergentes, requerem a abertura do seu estudo a formas de conhecimento para além do científico, incorporando a as ciências sociais, a inteligência coletiva e o empirismo, tirando partido de diferentes agentes, para o seu entendimento e propostas de intervenção e planeamento urbano.

No debate sobre o espaço urbano e sobre o seu valor para a sociedade surge com predominância a crise de valores, alimentada pela hegemonia neoliberal, e também sentida nos métodos de planeamento urbano. Nesse sentido as perspectivas de Guy Debord e Rem Koolhaas apresentam-se como fundamentais para o presente trabalho. Numa era de crise cultural, que função desempenha o espaço público, se o espaço público devia ser desenhado para acolher e servir os cidadãos? E que papel pode este desempenhar se é agora um receptáculo subserviente de um mecanismo económico maior do que a força das suas unidades?

A organização de uma cidade complexifica-se na medida em que o grau de interdependências se densifica. Quanto mais distante uma cidade se torna do que garante a segurança e sobrevivência dos seus habitantes, mais complexos são os fenómenos e as relações sociais estabelecidas. Ou seja, quanto mais tecnológico e comercial se tornar o espaço urbano, aumentando a sua rede de interconexões e interdependências, mais complexos se tornam os fenómenos aí ocorridos. Quando a geometria política e a organização económica são intangíveis e se presente uma vacuidade ética, como intervir e contribuir para a construção de um ambiente urbano justo, plural e igualitário, que dê aos seus habitantes a segurança intelectual de o entenderem e de poderem interagir com o seu palco? A compreensão dos territórios metropolitanos contemporâneos requer um número cada vez maior de especialistas, sendo necessária a interdisciplinaridade para o seu entendimento e para a intervenção positiva nos seus espaços. Da questão levantada por Henri Lefebvre, sobre a correta forma de planejar para a vida diária urbana, levanta-se a questão de qual o papel do arquiteto neste processo.

Da continuidade da investigação, entendeu-se que as metodologias modernistas - embora de extrema importância pelo seu pragmatismo racional e funcionalista, que por vezes chegam a permitir o estabelecimento de paralelismos entre planeamento urbano e a estruturação de um ecossistema - se revelaram insuficientes para a resolução das questões de assimetria social e conforto das escalas de intervenção. Projetos de micro-intervenção, processos e ações participadas surgem como uma resposta viável na humanização do ambiente construído, contemplando e incorporando a diversidade do local, tendo em atenção as suas características geográficas, património histórico, social, identidade e saberes. Entende-se que, mais do que intervir existe a premente necessidade de compreender quais as dinâmicas que promovem carências de qualidade no espaço urbano e na sua habitabilidade. Sabendo que os lugares urbanos não são constituídos apenas pela sua espacialidade, mas que contêm na sua definição as relações de interdependência estabelecidas e das quais dependem, entende-se que não é possível resolver as dificuldades de um lugar apenas através do redesenho dos seus espaços. O arquiteto tem agora o dever de contribuir e guiar para a correta análise dos lugares a intervir, convocando para o processo de planeamento urbano, os atores locais e os especialistas necessários para a decifração e análise do lugar e execução de projetos que possam vir a dotar o lugar de um incremento das suas qualidades intrínsecas. Mais do que projetos de planeamento urbano, devem ser procuradas estratégias que conduzam ao desenvolvimento dos lugares. O arquiteto torna-se um mediador, articulando os diferentes agentes nas diferentes fases dos

processos, de forma a conduzir os projetos à exponenciação do lugar, evitando respostas genéricas e *clichés* espaciais através de uma abordagem particularizada aos lugares.

Só conhecendo um lugar se pode dar resposta às suas problemáticas através do resgate das mais valias intrínsecas, que podem contribuir para que o local apresente formas de resiliência perante as incertezas económicas e ambientais. Nesse sentido, as escalas de atuação e intervenção não são necessariamente as territoriais e geográficas, podendo ter de se alargar a compreensão, estudo, análise e intervenção até aos limites relacionais de interdependências do lugar.

As noções de autodeterminação, integração territorial e cooperativismo e a crítica e chamada de atenção feita pensadores e filósofos do socialismo utópico no fim do século XIX, perante os efeitos perspectiváveis da revolução industrial, são ainda hoje atuais. A revolução tecnológica em curso convocou o debate sobre o modelo democrático instituído, vendo-se as atuais formas de governância a serem questionadas. Entende-se ser desejável a existência do espaço para o debate e agonismo, onde se possa convocar o pensamento coletivo, num resgate do poder da sociedade civil através de uma abertura do modelo democrático como palco da vida e espaços coletivos, sobre os quais se deseja um maior nível de participação e atuação. Conclui-se que os métodos *top-down* de governância e planeamento se tornam falíveis e perspetiva-se a possibilidade de abertura dos processos de planeamento a um maior grau de participação da população e da sociedade civil nas diversas fases de projeto. O arquiteto deve ponderar como adequar as geometrias de organização de forma a abrir os processos de construção do ambiente urbano e dos seus espaços físicos concretos, assim como os imateriais, à participação da população. Os projetos de planeamento urbano e intervenção no espaço público devem ser marcados pela multidisciplinaridade, possibilitando a existência de formas de espaço público que sejam o reflexo de quem os habita, resgatando ao simbolismo hierárquico e ao funcionalismo económico os lugares onde a vida decorre e acontece.

REFERÊNCIAS

100 YEARS OF BAUHAUS (2019) – Hilberseimer, [Em linha], Weimar, Bauhaus Kooperation 2019, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://www.bauhaus100.com/the-bauhaus/people/masters-and-teachers/ludwig-hilberseimer/>>.

596 ACRES (2019) – Living Lots NYC, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://www.livinglotsnyc.org/#11/40.7300/-73.9900>>.

7284GRP (2015) – Pet architecture – atelier bow wow, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 19 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://7284grp.wordpress.com/2015/01/09/pet-architecture-atelier-bow-wow/>>.

AACC (2019) – Arquitecturas colectivas – red internacional de colectivos [Em linha]. [S.l.], AACC, [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://arquitecturascolectivas.net>>.

AAKSTER, Felisha, (2017) - From paper to practice: a study on the implementation of NATO's Protection of Civilians policy, [Em linha], [S.l.], [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://dspace.library.uu.nl/handle/1874/358818>>.

ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira (1988) - A festa barroca no Porto ao serviço da família real na segunda metade do séc. XVIII : subsídios para o seu estudo. Porto : Faculdade de Letras. Separata da Revista da Faculdade de Letras. S. 2, 5.

ARCHIPRESS & ASSOCIÉS (2015) – Santiago Cirujeda, recetas urbanas 2 [Em linha]. Paris, Archipress & Associés, [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://www.larchitectureaujourd'hui.fr/global-award-2015-des-laureats-engages/santiago-cirujeda-recetas-urbanas-2/>>.

ARCHITECTULL (2019) - Jaap Bakema, (Em linha), [S.l.], Architectuul, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://architectuul.com/architect/jaap-bakema>>.

ARCHITECTULL (2019) – Aldo van Eyck, (Em linha), [S.l.], Architectuul, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://architectuul.com/architect/jaap-bakema>>.

ARCHITECTULL (2019) – Team 10, (Em linha), [S.l.], Architectuul, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://architectuul.com/architect/team-10>>.

ARTÉRIA (2015) – Lisbon Skyline Operation [Em linha]. Lisboa, LISBON SKYLINE OPERATION, [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: https://lisbonskyline.pt/manual/inv_pt.pdf>.

ARTÉRIA [2013] – Rede de carpintarias de Lisboa [Em linha]. Lisboa. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: URL: [https:// http://redecarpintarias.org](https://http://redecarpintarias.org)>.

ATELIER BOW WOW (2019) – Publications, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: http://www.bow-wow.jp/profile/publications_e.html>.

BAPTISTA, Luís Santiago, VENTOSA; Margarida (2008) - Entrevista: Álvaro Siza Vieira com a arq./a, [Em linha], Lisboa, Revista Arq./a, nº 58, Junho 2008 (p. 45 – 53). [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: https://www.revarqa.com/uploads/docs/Bib_Arq_entrevista/arqa58_p044-053.pdf>.

BIENNALE DESIGN (2017) – Bancs-à-tourner, Enorme Studio, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://www.biennale-design.com/saint-etienne/2017/en/programme/?ev=bancs-a-tourner-120>>.

CALADO, Margarida (2012) - Arte efémera arte pública - formas de relação entre arte e poder. In Instituições culturais e representatividade : Chiado, Baixa, arte pública e esfera comunicacional. Lisboa : [s.n.]. p. 179-192. [Consult. 30 Dez. 2018]. Disponível em WWW: URL: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6504/2/ULFBA_Instituicoes%20culturais_Arte%20efémera-arte%20pública_p179%20a%20192.pdf.

CALHAU, Fernando (1974) - # 99 (Materialização de um quadrado imaginário), 1974 [Documento icónico]. Porto : Serralves. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.serralves.pt/pt/museu/a-colecao/obras-por-artista/?l=C&col=&cat=>>>.

CARS, Jean des; PININ, Pierre (1991) – Paris Haussman. Paris, Editions du Pavillion de l’Arsenal. ISBN 2907513117

CHRISTO AND JEANNE CLAUDE (2019) - Wrapped monuments [Em linha]. [S.l.] : Christo and Jeanne Claude. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://christojeanneclaude.net/mobile/projects?p=wrapped-monuments>>.

CODY, William (2012) - William Morris – a brief biography, [Em linha], [S.l.], [Consult. 19 Nov. 2019]. Disponível em WWW: <http://www.victorianweb.org/authors/morris/wmbio.html>>.

COLIN, Silvio (2008) – CIAM. O movimento moderno na academia, [Em linha], [S.l.], Coisas da arquitetura, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/07/28/ciam-o-movimento-moderno-na-academia/>>.

COLUMBIA UNIVERSITY (2019) – Rosalyn Deutsch, [Em linha], Columbia, Columbia University, department of art history and Archeology, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://www.columbia.edu/cu/arthistory/faculty/Deutsche.html>>.

COMBIS, Héléne (2017), Comment Haussmann a réussi son Paris [Em linha]. [S.l.] France Culture, [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:URL:<https://www.franceculture.fr/architecture/comment-haussmann-reussi-son-paris>>.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA MODERNA, ATENAS, 1933 (1933) – Carta de Atenas [Em linha]. Lisboa : apha. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim1/CartadeAtenas1933.pdf>>.

COVERLEY, Merlin (2010) – Psychogeography. Londres, Pocket Essentials. ISBN 9781842433478.

CULTURE.PL (2019) - Krzysztof Wodiczko, [Em linha]. Polónia, Culture.PI, [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: <https://culture.pl/en/artist/krzysztof-wodiczko#publ>>.

CUP - CENTRE FOR URBAN PEDAGOGY (2017) – Vendor Power! [Em linha]. Brooklyn, CUP, [Consult. 8 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:<http://welcometocup.org/Projects/MakingPolicyPublic/VendorPower>>.

CUP (2019) – Vendor power!, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://welcometocup.org/Projects/MakingPolicyPublic/VendorPower>>.

DAI (2019) – Raoul Vaneigem, [Em linha], Arnhem, Dutch Art Institute, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://dutchartinstitute.eu/page/13059/raoul-vaneigem>>.

DÉBORD, Gui, JORN, Asger (2019), Fin de Copenhague, [Em linha]. [S.l. e s.n.], [Consult. 5 Jul. 2019]. Disponível em WWW: URL:https://www.monoskop.org/images/7/75/Jorn_Asger_Fin_de_Copenhague.pdf.

DEUTSCHE, Rosalyn (2005) – Rosalyn Deutsche : the question of "public space" [Em linha]. [S.l. : s.n.]. [Consult. 25 Abril 2019], Disponível em WWW:<URL:https://iwalewapublicspace.files.wordpress.com/2012/02/rosalyn-deutsche-_the-question-of-_public-space_.pdf>.

DEZEEN (2013) – Centipede cinema by Colin Fournier, Marysia Lewandowska and NEON, [Em linha]. Londres, Dezeen, [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:<https://www.dezeen.com/2012/10/23/centipede-cinema-by-colin-fournier-marysia-lewandowska-and-neon/>>.

DHS (2008) – Hélène de Mandrot, [Em linha], Berna, Dictionnaire hitorique de la Suisse, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://hls-dhs-dss.ch/fr/articles/027743/2008-08-25/>>.

ENGELS, Friedrich (2010) – Condition of the working class in England [Em linha]. Proofed and corrected by Mark Harris. [S.l.] : Tim Delaney. [Consult. 3 de Nov. 2018]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/condition-working-class-england.pdf>>.

FORTUNA, Carlos (2012) – Prefácio. In LEFEBVRE, Henri - O direito à cidade. Lisboa : Letra Livre. ISBN 978-989-8268-15-2. p. 5-14.

FRIEDMAN, Yona (2019) – Manuals, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: https://www.yonafriedman.nl/?page_id=516>.

FUCHS, Rudolph Herman (2002) – Aldo van Eyck: the playgrounds and the city. Amsterdão, Stedelijk Museum Amsterdam. ISBN 9056622498

GEHL (2019) – Cities for people, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://gehlpeople.com/shopfront/cities-for-people-2010/>>.

GENTILI, Helena (2014) - Moving lights: Schouwburgplein in Rotterdam, [Em linha]. Milão, Gizmo, Architectural Review, [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: <http://www.gizmoweb.org/2014/02/moving-lights-schouwburgplein-in-rotterdam/>>.

GEUZE, Adrian (2019) – SCHOUWBURGPLEIN- 1991-1996, Rotterdam, The Netherlands, [Em linha]. Roterdão, West8, [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: <http://www.west8.com/projects/schouwburgplein/?s=SCHOUWBURGPLEIN>>.

GEWERTZ, Ken (2003) – Obituary :John Shearman: italian renaissance Scholar, [Em linha], Harvard, Harvard News Office, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:<https://news.harvard.edu/gazette/story/2003/09/obituary-john-shearman/>>.

GOITIA, Fernando Chueca (1982) – Breve história do urbanismo. Vila da Feira, Edit. Presença.

HAMMONS, Paul (2019) – Comments against urbanismo, Raoul Vaneigem – International Situationiste #6 (August 1961), [Em linha]. [S.l.], [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: <https://www.cddc.vt.edu/sionline/si/comments.html>>.

HANSEN, Niels (2014) – Tokyo void: possibilities in absence, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://popupcity.net/tokyo-void-possibilities-in-absence/>>.

HREINN, Fridfinnsson. E-flux [Em linha]. (October 2007). [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.e-flux.com/announcements/39905/hreinn-fridfinnsson/>>.

HUIZINGA, Johan (2003) – Homo Ludens – um estudo sobre o elemento lúdico da cultura. Lisboa : Edições 70. ISBN 978-972-44-1843-8.

I.S (1997) – Antologia Internacional Situacionista. Lisboa, Ed. Antígona. ISBN 9726080886

IC (2010) - Helena Almeida [Em linha]. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/pintura-habitada-156660/>.

ICLEI (2019) – Ecomobility worldfestival [Em linha]. Alemanha, ICLEI – Local governements for sustainability, [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: URL:[https:// http://suwon.ecomobilityfestival.org](http://suwon.ecomobilityfestival.org)>.

ISUU (2016) - Open Cinema by Colin Fournier and Marysia Lewandowska, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: https://issuu.com/bartlettarchucl/docs/fournier_01_cinema_s06_update/35>.

JAPPE, Anselm (2008) – Guy Debord. Traduzido por Iraci P. Poleti e Carla da Silva Pereira. Lisboa, Antígona Editores Refractários. ISBN 9789726081951.

JO (2015) - Fernando Lemos [Em linha]. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/alexandre-oneill-149924/>.

JSTOR (2019) – Topic : democracy, [Em linha], Nova Iorque, Jstor. [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:<https://www.jstor.org/topic/democracy/?refreqid=excelsior%3Abb8df556c12a382a98283c00b91b29a9>>.

KOOLLAS, Rem (1995) – Três textos sobre a cidade. Traduzido por Luís Santiago Baptista. Espanha : Edit. Gustavo Gili, ISBN 9788425223471.

LA GRIETA (2016) – El campo de la cebada web [Em linha]. [S. l], La Grieta online, [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: URL:<https://http://lagrietaonline.com/wp-content/uploads/2016/02/Campo-de-la-cebada-web.jpg>>.

LAB CÍVICO SANTIAGO (2019) – Lab cívico Santiago, [Em linha]. [S.l], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://labcivicosantiago.wordpress.com/contactos/>>.

LANGE, Alexandra (2019), The Story Behind Isamu Noguchi's Playscapes in Atlanta - the revival, and influence, of an icon of modern playground design [em linha]. EUA, HermanMiller, [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:URL:[https:// www.hermanmiller.com/stories/why-magazine/the-story-behind-isamu-noguchis-playscapes-in-atlanta/](https://www.hermanmiller.com/stories/why-magazine/the-story-behind-isamu-noguchis-playscapes-in-atlanta/)>.

LE MOS, Fernando (1949) - Fernando Lemos / Auto-retrato [Documento icónico]. Lisboa : Museu Coleção Berardo. Prova cromogénea. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://pt.museuberardo.pt/colecao/obras/677>>.

LOYD, Alter (2016] – Sold for scrap: great city buildings that were stupidly demolished, [Em linha]. UK, The Guardian, [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: <https://www.theguardian.com/cities/2016/apr/06/great-city-buildings-demolished-destroyed-les-halles>>.

MANOUGH, George (2008) – Tatville, [Em linha], [S.l], Bldngblog, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: [https:// http://www.bldgblog.com/2006/11/tatville/](https://http://www.bldgblog.com/2006/11/tatville/)>.

MASTERS, Nathan (2015) - Celebrate the city's history at LA as Subject Archives Bazaar. USC News [Em linha]. (15 Oct. 2015). [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://news.usc.edu/87478/celebrate-the-citys-history-at-la-as-subject-archives-bazaar/>>.

MAT OFFICE (2017) .- Deficiency of conventional planing [Em linha]. Beijing, MAT Office, [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:<https://www.matoffice.com/research/self-planning-self-decision/>>.

MATOSO, Rui (2014) – Arte pública, espaço e poder [Em linha]. [S.l. : s.n.]. Comunicação apresentada no Seminário Arte Pública, Universidade Lusófona. [Consult. 21 Mar. 2018]. Disponível em WWW:<URL:https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/9033/1/ARTE%20PÚBLICA_ESPAÇO%20%20E%20PODER_Rui%20Matoso_%202014%20final.pdf>.

MEDIA LAB PRADO (2019) – Medialab Prado, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://www.medialab-prado.es>>.

MONOSKOP (2017) – Sigfried Giedion, [Em linha], (S.l), Monoskop, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:https://monoskop.org/Sigfried_Giedion>.

MORRIS, William (2003) - Artes menores. Tradução de Isabel Donas Botto. Lisboa : Editora Antígona. ISBN 972-608-166-1.

MORRIS, William (2019) – Signs of change – lectures on socialism, 1888, (Em linha), [S.l.], [Consult. 19 Nov. 2019]. Disponível em WWW: <http://morrisedition.lib.uiowa.edu/diariessignsofchangemarxists.html>>.

MOUFFE, Chantal (2005) – Which public space for critical art practices? [Em linha]. [S.l. : s.n.]. p. 149-171. Textos da conferência apresentada no Institute for Contemporary Dance based at the Firkin Crane Centre. [Consult. 5 Set. 2019]. Disponível em WWW: <URL:https://readingpublicimage.files.wordpress.com/2012/04/chantal_mouffe_cork_cacus.pdf>.

MUF ARCHITECTURE/ART (2019) - Making Space in Dalston 2009 [Em linha]. London : Muf Architecture/Art. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<http://muf.co.uk/portfolio/making-space-in-dalston-2/>>.

MUF ARCHITECTURE/ART (2019) – Making space in Dalston, [Em linha]. [S.I.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://muf.co.uk/portfolio/making-space-in-dalston-2/>.

NAI BOOKSELLERS (2019) - Tokyo void : possibilities in absence [Em linha]. Rotterdam : NAI Booksellers. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:https://www.naibooksellers.nl/urbanism/public-space/tokyo-void-possibilities-in-absence.html?__store=english&__from_store=default>.

OUDENAMPSEN, Demerijn (2013) – Aldo van Eyck and the city as a playground [Em linha]. [S.I.] : Merijn Oudenampsen. [Consult. 3 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://merijnoudenampsen.org/2013/03/27/aldo-van-eyck-and-the-city-as-playground/>>.

PERAN, Matrti (2009) – Post-it city – cidades ocasionais, [Em linha], Barcelona. Edit. Sociedad estatal para la acción Cultural exterior (SEACEX) , Centre de Cultura Contemporània de barcelona (CCCB) , TURNER. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: URL:https://www.accioncultural.es/en/catalogue_post_it_city_occasional_urbanities>.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES (2019) – New York streets renaissance, [Em linha]. [S.I.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://www.pps.org/projects/new-york-city-streets-renaissance>>.

RAMALHO, Maria de Magalhães (2014) - Uma outra cidade para uma outra vida : Constant. Revista Punkto [Em linha]. (2014). [Consult. 9 Agost. 2018]. Disponível em WWW:<URL:https://www.revistapunkto.com/2014/02/uma-outra-cidade-para-uma-outra-vida_3.html>.

RECETAS URBANAS (2019) – Recetas urbanas, [Em linha]. [S.I.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://www.recetasurbanas.net/v3/index.php/es/>>.

SADLER, Simon (1999) – The Situationist City. London : The MIT Press. ISBN 9780262692250.

SASSEN, Saskia (2016) - Economy, city and public space. Quaderns interviews Saskia Sassen. Quaderns d'arquitectura i urbanisme [Em linha]. 266 (2016). [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<http://quaderns.coac.net/en/2016/09/saskia-sassen/>>.

SCHWAB, Klaus (2017) – A quarta revolução industrial. [S.I.] : Edit. Levoir. ISBN 978-989-682-709-0.

SIMKIN, John (2016) – Mikhail Bakunin, [Em linha], [S.I.], Spartacus Educational Publishers Ltd, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://spartacus-educational.com/USAbakunin.htm>>.

SODERQVIST, Lisbeth (2011) – Structuralism in architecture – a definition, [Em linha], (S.I.), Journal of Aesthetics & Culture, Volume 3, nº 1, [Consult. 23 Nov. 2019].

Disponível em WWW: URL:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3402/jac.v3i0.5414>>.

SOJA, Edward (1989) – Postmodern Geographies : the reassertion of space in critical social theory. London, VersoBooks. ISBN 0860919366.

STALDER, Felix (2018) – The digital condition. transl. by Valentine A. Pakis. Medford : Polity Press. ISBN 9781509519606.

STONE, Michael K. (2012) - Applying ecological principles [Em linha]. Berkeley, CA : Center for Ecoliteracy. [Consult. 18 out. 2019]. Disponível em WWW:<URL: <https://www.ecoliteracy.org/article/applying-ecological-principles#>>.

SUSTAINABLE MOBILITY AT ICLEI (2019) - Eco mobility world festival, [Em linha].

[S.I.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:

<https://ecomobility.org/ecomobility-world-festival/>>.

TING FEN YANG (2010) - Bodyspacemotionthings by Robert Morris [Em linha]. London : Ting Fen Yang. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL: <http://tiffyyang.blogspot.com/2010/04/bodyspacemotionthings-by-robert-morris.html>>.

TRAQUINO, Marta (2010) – A construção do lugar pela arte contemporânea, Ribeirão. Edições Húmus, ISBN 9789898139320

TSENG, Nin-Hai (2011) - Downtown is for people (Fortune classic, 1958), [consult. 7 Novemb. 2018]. Disponível em WWW <https://fortune.com/2011/09/18/downtown-is-for-people-fortune-classic-1958/>>.

UNIVERSITY OF WESTMINSTER, (2019) – Chantal Mouffe, [Em linha], Westminster, University of Westminster, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://www.westminster.ac.uk/about-us/our-people/directory/mouffe-chantal#about>>.

URBAN FARMERS (2019) – Urban farmers, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://www.facebook.com/UrbanFarmers/>>.

URBER (2019) - Universal Declaration of Urban Rights Berlin (UR_BER), [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://berlin.urbanrights.org>>.

VELAZQUEZ, Marisol Rivas; BARAJAS, Diego (2008) – Ludwig Hilberseimer, radical urbanism, [Em linha], [S.l. e s.n.] [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: URL:<https://http://streaming.uibk.ac.at/medien/c822/c82231/TXT/Essays/ARCHITEKTURTHEORIE.EU%20Hilberseimer%20100dpi.pdf>>.

VIEIRA, Ana, COUTINHO, Andreia (2015) - O processo SAAL: arquitetura e participação 1974 – 1976, [Em linha], Porto, Fundação de Serralves, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: https://www.serralves.pt/documentos/servico_educativo/1411_DossPedagogicoSAAL.pdf>.

VITRA DESIGN MUSEUM (2017) - [Exhibition] “Together. The architecture of the Collective” at Vitra Design Museum [Em linha]. Luxembourg : BigMat International Architecture Agenda. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.bmiaa.com/events/exhibition-together-the-architecture-of-the-collective-at-vitra-design-museum/>>.

WEST8 (2019) – Schouwburgplein, [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://www.west8.com/projects/schouwburgplein/?s=SCHOUWBURGPLEIN>>.

WESTERMAN, Jonah (2016) - Robert Morris exhibition, Tate Gallery, 1971; Bodyspacemotionthings, Tate Modern, 2009. Performance at Tate : into the space of art, Tate research publication [Em linha]. London : Tate. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.tate.org.uk/research/publications/performance-at-tate/perspectives/robert-morris>>.

WIKIART (2019) - A luta entre o Carnaval e a Quaresma - Pieter Bruegel o Velho [Em linha]. [s.l.], Wikiart, enciclopédia das artes visuais. [Consult. 15 Nov. 2019]. Disponível

em WWW: URL:https: <https://www.wikiart.org/pt/pieter-bruegel-o-velho/a-luta-entre-o-carnaval-e-a-quaresma-1559>>.

WOLFE, Ross Laurence (2014) - Le Corbusier's "contemporary city" (1925) [Em linha]. [S.l.] : Ross Laurence Wolfe. [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL: <https://thecharnelhouse.org/2014/06/03/le-corbusiers-contemporary-city-1925/>>.

WOODS, Lebbeus (2009) – Constant vision, [Em linha], (S.l), Lebbeus Woods wordpress, [Consult. 23 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://lebbeuswoods.wordpress.com/2009/10/19/constant-vision/>>.

YOSHIOKA, Maximilian (2019) - Technocratic totalitarianism : one-dimensional thought in Jean-Luc Godard's Alphaville. Ilios: An Undergraduate Journal of Political Science and Philosophy [Em linha]. (2019). [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW:<URL:<https://dornsife.usc.edu/ilios/maximilian-yoshioka-technocratic-totalitarianism1/>>.

ZULOARK (2013) – Akôo, Infrastructure of cultural self-management in the cce malabo [Em linha]. [S.l.], [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: URL:<https://http://zuloark.com/es/portfolio/ic-akoo-es/>>.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter (2008) – The work of art in the age of mechanical reproduction. Tradução J. A. Underwood. Londres, Penguin Books Ltd. ISBN 9780141036199.

BOTTON, Alain de (2009) - Arquitetura para a felicidade. Traduzido por Lucília Filipe. Alfragide, Publicações Dom Quixote. ISBN 9789722039321.

BOULET, Cédric (2010) – Please disturb! Exploring the virtues of Dysfunctional architecture, [Em linha]. Carleton. [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: https://curve.carleton.ca/system/files/etd/50e806a1-c6ef-4808-8e70-4d99a6332471/etd_pdf/283e9834c9e0cfb9e4f16d22590838bf/boulet-pleasedisturbexploringthevirtuesofdysfunctional.pdf.

CONRADS, Ulrich (1975)- Programs and manifestoes on 20th century architecture – Traduzido por Michael Bullock. Cambridge, The MIT Press. ISBN 0262530309.

DEBORD, Guy (2012) – A sociedade do espectáculo. Traduzido por Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa, Antígona Editores Refractários. ISBN 9789726082224.

DEUTSH, Rosalyn (2019) – Evictions- arts and spatial politics, [Em linha]. [S.I], Monoskop, [Consult. 10 Out. 2019]. Disponível em WWW: URL:https://monoskop.org/images/0/0a/Deutsche_Rosalyn_Evictions_Art_and_Spatial_Politics.pdf.

FREDRIKSON, Trent (2014) - Interview with Liz Diller of DS+R [Em linha]. Milão, DesignBoom. [Consultado a 26 Fev. 2016], Disponível em WWW:<URL: <https://www.designboom.com/architecture/liz-diller-interview-ds-r-11-27-2014/>>.

GRANDE, Nuno (2012) – O ser urbano, nos caminhos de Nuno Portas. Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. ISBN 9789722720670

HEBENSTREIT, Barbara (1973) – Villes et civilisation. Paris, Ed. Flammarion.

HYNDMAN, , H. M; MORRIS, William (2029) - A summary of the principles of socialismo, [Em linha]. [S.I], Marxists Internet Archive, [Consultado a 15 Agost. 2019], Disponível em WWW:<URL: https://www.marxists.org/archive/morris/works/1884/principles/principles_xml.htm

JANSEN, H. W. (1998) – História da arte. Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 9789723104981.

JAPPE, Anselm (2013) – Conferências de Lisboa. Lisboa, Antígona Editores Refractários. ISBN 9789726082361.

LOOS, Adolf (2019) – Ornament and crime. Traduzido por Shaun Whiteside. Londres, Penguin Books Ltd. ISBN 01141392975.

LOPES, Roberto (1988) – A cidade medieval: entrevista conduzida por Marino Berengo, (trad. Júlio Soares Pereira). Lisboa, Ed. Presença. ISBN

MARXISTS INTERNET ARCHIVE (2019), (Em linha), [S.I.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://www.marxists.org>.

McDONOUGH, Tom (2004) – Gui Debord and the Situationist International – texts and documents. Cambridge, The MIT Press. ISBN 0262134047.

MONTEYS, Xavier (2005) – Le Corbusier – obras e projectos. Traduzido por Luiz M.G. Ribeiro e Maria Luiza Tristão de Araújo. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SA. ISBN 8425217954.

NAVARRO, Francesc (2005) – História universal, Volume 19: as guerras mundiais. Lisboa, Ed. Salvat. ISBN 8498190843

RAGON, Michel (1977) – L'homme et les villes. Paris, Ed. Albin Michel. ISBN 226002294

RANCIÈRE, Jacques (2010) – O espectador emancipado. Traduzido por José Miranda Justo. Lisboa, Orfeu Negro. ISBN 9789898327062.

ROLAND, Martin (1951) – Recherches ser l'agora grecque : études d'histoire et d'architecture. Paris, Ed. E. De Bocard.

ROSS, Kristin (2019) – Henri Lefebvre on the situationist international - Nova Iorque, Not Bored [Em linha]. [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <http://www.notbored.org/lefebvre-interview.html>.

RUSKIN, John (2004) – On art and life. Londres, Penguin Books Ltd. ISBN 9780141018959.

TEYSSOT, Georges (2011) – Aldo van Eyck and the rise of an ethnographic paradigm in the 1960s [Em linha]. Joelho, revista de cultura arquitectónica 02, Editorial do Departamento de arquitectura. [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:<https://hdl.handle.net/10316.2/37393>>.

THE WILLIAM MORRIS SOCIETY (2019), (Em linha), [S.I.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: <https://williammorrissociety.org/about-william-morris/>>.

TIBBALDS, Francis (2001) – Making people friendly cities. Londres, Spoon Press. ISBN 0415237599

VANEIGEM, Raoul (1994) – The revolution of everyday life. Tradução de Donald Nicholson-Smith. Seattle, Left Bank Distribution. ISBN 0939306069.

WAGNER, Richard (2000) – A arte e a revolução. Traduzido por José M. Justo. Lisboa, Antígona Editores Refractários. 2ª edição. ISBN 9726080509.

WILLIAM MORRIS ARCHIVE (2019), [Em linha], [S.I.], [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL: [Consult. 10 Nov. 2019]. Disponível em WWW: URL:>. <http://morrisedition.lib.uiowa.edu/about.html>>.